

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**  
**BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**BÁRBARA SANTOS SARINHO**

**RIVAIS EM CAMPO, IRMÃS NA LUTA: OS DESAFIOS E**  
**CONQUISTAS DOS MOVIMENTOS DE MULHERES NO FUTEBOL**  
**PERNAMBUCANO**

Recife

Julho, 2023

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**  
**BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**BÁRBARA SANTOS SARINHO**

**RIVAIS EM CAMPO, IRMÃS NA LUTA: OS DESAFIOS E**  
**CONQUISTAS DOS MOVIMENTOS DE MULHERES NO FUTEBOL**  
**PERNAMBUCANO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado pela aluna **Bárbara Santos Sarinho** ao Curso de Ciências Sociais da UFRPE – Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito de aprovação no curso de Ciências Sociais.

**Orientadora: Profa. Giuseppa Maria Daniel Spenillo**

Recife

Julho, 2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Sistema Integrado de Bibliotecas  
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

S245r

Santos Sarinho, Bárbara

RIVAIS EM CAMPO, IRMÃS NA LUTA: OS DESAFIOS E CONQUISTAS DOS MOVIMENTOS DE MULHERES NO FUTEBOL PERNAMBUCANO / Bárbara Santos Sarinho. - 2023.  
56 f.

Orientador: Giuseppa Maria Daniel Spenillo.  
Inclui referências e apêndice(s).

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Bacharelado em Ciências Sociais, Recife, 2023.

1. gênero. 2. futebol. 3. política. 4. redes sociais. 5. movimentos sociais. I. Spenillo, Giuseppa Maria Daniel, orient.  
II. Título

CDD 300

---

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**  
**BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**BÁRBARA SANTOS SARINHO**

**RIVAIS EM CAMPO, IRMÃS NA LUTA: OS DESAFIOS E**  
**CONQUISTAS DOS MOVIMENTOS DE MULHERES NO FUTEBOL**  
**PERNAMBUCANO**

Monografia aprovada em \_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / 2023, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais, pela Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, por todos os membros da Banca Examinadora.

**BANCA EXAMINADORA**

\_\_\_\_\_  
Profª Drª Giuseppa Maria Daniel Spenillo, Orientadora

Nota \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Profª Drª Maria do Socorro de Lima Oliveira

Nota \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Marcos André de Barros

Nota \_\_\_\_\_

Dedicado a Paulo Afonso Barbosa de Brito

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho é fruto de um esforço coletivo que atravessa décadas e regiões do Brasil. Gosto de pensar na minha vida como algo que acontece antes mesmo do meu nascimento. Por isso, agradeço primeiramente aos meus avós, Janete e Carlos, por me atravessarem com a paixão pelo conhecimento e pelo futebol.

Agradeço a vários professores que tive a sorte de conhecer: a Professora Giuseppa Spenillo, com sua orientação delicada, genial e assertiva, permitiu que esse trabalho fosse possível. Ao Professor Tarcísio Augusto da Silva, com quem eu aprendi a fazer, conduzir e estudar a pesquisa social qualitativa. E, principalmente, a gostar de realizar cada etapa. Ao Professor João Morais, fundamental para minha permanência estudantil, com quem eu aprendi o valor da alegria e da esperança em tempos tão difíceis.

Aos Professores Maurício, Rosa, Julia, Dora, Fábio, Alessandra, Andréa, Socorro, que passaram pela minha trajetória no DECISO. Tem um pouco de todos eles na minha visão de mundo, bagagem teórica e escrita acadêmica. Não poderia esquecer dos Professores Pedro Cazes e Eduardo de Biase, do Colégio Pedro II, responsáveis pela minha escolha de tornar-me socióloga, por terem me dado força e base para perseguir esse sonho.

Aos meus colegas Lucas Péricles, minha dupla de pesquisa preferida, Iná Cholodoski, minha orientadora de uma vida, Vitória Sofia, a caloura com quem eu mais aprendi, Débora Seabra, por ter facilitado e participado desse trabalho, Lara Buitron, por ter me mostrado, dentre tantas coisas, a arquibancada como um espaço político.

À minha mãe, Matheus e Bili, por toda a imensidão que reside na palavra “tudo”.

Um agradecimento especial para todas as mulheres que colaboraram com esse trabalho. Vida longa aos movimentos femininos de arquibancada!

Finalmente, agradeço a Recife, cidade que morou em mim nos últimos anos e fez de mim tudo que eu sou.



## RESUMO

O trabalho apresenta uma investigação sobre os movimentos de mulheres no futebol pernambucano e sua luta pela igualdade de gênero no futebol, a partir da identificação de três movimentos na cidade de Recife: Movimento Coralinas (Santa Cruz), Elas e o Sport (Sport) e Timbuzeiras (Náutico). Por meio de observação participante, aplicação de formulário via Google Forms e a realização de três entrevistas semiestruturadas, entre os meses de novembro de 2022 e junho de 2023, o trabalho sugere que tais movimentos estabelecem-se em um espaço híbrido entre as redes sociais digitais e as arquibancadas, configurando comunidades de afeto e acolhimento (Maffesoli, 1998; Weber, 1987; Elias, 1980) bem como comunidades instantâneas de prática transformadora (Castells, 2017). As relações entre os movimentos de mulheres no futebol e outras organizações demonstram uma atuação em rede (Scherer-Warren, 2006) com a finalidade de enfrentamento de desafios para alcançar seus objetivos.

**Palavras-chave: gênero; futebol; política; redes sociais; movimentos sociais.**



## **ABSTRACT**

The paper presents an investigation into women's movements in Pernambuco football and their fight for gender equality in football, based on the identification of three movements in Recife: Movimento Coralinas (Santa Cruz), Elas e o Sport (Sport) and Timbuzeiras (Náutico). Through participant observation, application of a form via Google Forms and the appliance of three semi-structured interviews, between the months of November 2022 and June 2023, the work suggests that such movements are established in a hybrid space between digital social networks and the football stands, configuring communities of affection (Maffesoli, 1998; Weber, 1987; Elias, 1980) and instant communities of transformative practice (Castells, 2017). The relationships between women's movements in football and other organizations demonstrate a network action in order to face challenges to achieve their goals.

**Keywords: gender; football; policy; social networks; social rights movements.**

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Frequência aos estádios de futebol.....	17
Gráfico 2 - Violência de gênero sofrida nos estádios.....	18
Gráfico 3 - Ações do movimento percebidas pelas integrantes.....	18
Gráfico 4 - Frequência aos estádios e participação no movimento.....	19
Gráfico 5 - Renda da família.....	21
Gráfico 6 - Idade das participantes.....	24
Gráfico 7 - Relação entre participantes e maternidade.....	25
Gráfico 8 - Principais motivações para participação no movimento.....	30
Gráfico 9 - Atuação no movimento.....	31
Gráfico 10 - Construção do movimento e redes sociais digitais.....	36
Gráfico 11 - Primeiro contato entre as integrantes e os movimentos.....	37
Gráfico 12 - Principais temáticas de desafios para a atuação dos movimentos.....	43
Gráfico 13 - Principais temáticas de conquistas para os movimentos.....	45

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 – Sentimentos relacionados à participação no movimento.....	29
Quadro 2 - Pautas políticas levantadas pelo movimento.....	38

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>2 ALÉM DAS ARQUIBANCADAS: O PROPÓSITO DE ATUAÇÃO DOS MOVIMENTOS DE MULHERES NO FUTEBOL PERNAMBUCANO .....</b>	<b>16</b>
<b>3 IRMÃS NA LUTA: AS COMUNIDADES DE AFETO E ACOLHIMENTO.....</b>	<b>26</b>
<b>4 COMUNICAÇÃO EM REDE: CONEXÕES ENTRE TORCEDORAS E MOVIMENTOS SOCIAIS .....</b>	<b>33</b>
<b>5 MOVIMENTOS DE MULHERES NO FUTEBOL PERNAMBUCANO: DESAFIOS E CONQUISTAS .....</b>	<b>42</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>48</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>50</b>
<b>APÊNDICE A — QUESTIONÁRIO.....</b>	<b>53</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O futebol, além de ser o esporte mais popular no mundo, com mais de 270 milhões de pessoas participando ativamente (FIFA, 2006), é também o esporte mais praticado e consumido no Brasil, presente no cotidiano de 16 milhões de pessoas, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2017. Sendo um fenômeno associado ao contexto urbano, é também, conforme Franzini (2005), um espaço sociocultural, onde se forjam identidades e trajetórias de grupos sociais. Nesse sentido, é importante compreender o futebol como um fenômeno sociocultural, que se manifesta nas paixões coletivas por times, mas que se desdobra e se transforma em paixões pelas próprias torcidas, isto é, pelo ato de torcer, segundo Toledo (1996).

No Brasil, as primeiras organizações torcedoras registradas remontam à década de 1940, com as famosas Charanga do Flamengo e a Torcida Uniformizada do São Paulo, tendo sua maior característica, afirma Toledo (1994), o comando de uma única pessoa conhecida como chefe de torcida. Alguns autores como Toledo (1994); Pimenta e Alberto (2003) argumentam que as torcidas organizadas, como conhecidas hoje, surgiram a partir das décadas de 1960 e 1970, sendo um fenômeno mais recente de burocratização dessas organizações iniciais: atualmente, estabelecem-se como instituições privadas sem fins lucrativos, estruturadas com eleições para presidente e cargos específicos como conselhos, diretorias e sócios, além de determinarem um estilo de vida específico nas metrópoles com uma estética irreverente, comportamentos verbais, códigos e regras (Toledo, 1994).

Ao mesmo tempo em que as torcidas *tradicionais*, compostas por homens, estavam surgindo no Brasil, na década de 1940, o Estado brasileiro promoveu um Decreto-Lei 3.199, em 1941, que vigorou até 1975, proibindo a prática de esportes por mulheres com base na suposta incompatibilidade com as condições de sua *natureza feminina*. A regulamentação oficial para a participação feminina nos esportes vem em 1965 através do Conselho Nacional de Desportos, estipulando a proibição oficial de esportes tais como lutas, futebol, futebol de salão, futebol de praia e polo (Mourão, 2000, p. 12).

Essa proibição oficial constituiu-se como um marco na marginalização da mulher no ambiente futebolístico, reverberando no imaginário popular até os dias atuais a crença de que o ambiente da prática e do torcer do futebol, locais que Norbert Elias (1985) aponta como não sendo definidores de identidade, mas reforçadores da cultura e identidade de *macho*, são incongruentes com uma suposta *natureza frágil* da mulher.

Entretanto, por mais que existisse um contexto desfavorável e hostil, como aponta Goellner (2005), hoje e no passado, mulheres têm protagonizado histórias no futebol, embora muito invisibilizadas, tanto pela mídia esportiva, quanto pela academia. Para Leda Maria da Costa (2007), a mulher torcedora vem se configurando num perfil cada vez mais comum, manifestando-se em diferentes meios, desde as arquibancadas até os espaços virtuais.

Em contraponto ao protagonismo masculino histórico, o cenário vem sendo modificado nos últimos anos, a partir do contexto de avanços na luta e engajamento de pautas feministas no Brasil (Moraes; Bonfim, 2016), sendo um período marcado por mobilizações online. A popularização das mídias sociais promoveu uma nova onda de encontros de torcedoras, que saíram dos grupos de relacionamento online direto para as arquibancadas (Da Costa, 2007, p. 6), contestando o caráter paternalista e patriarcal do ambiente do futebol no Brasil, que Barreto Januário *et al.* (2020, p. 139) caracterizam como produto de relações de poder de ordem política.

Assim, mais de 70 anos após os primeiros movimentos de torcedores no Brasil serem fundados, os movimentos de mulheres no futebol têm seu nascimento. Em todo país irromperam organizações protagonizadas por mulheres, engajadas em enfrentar o assédio, preconceito e hostilização das mulheres nos estádios e a transformação da estrutura física precária para mulheres e crianças nas dependências dos clubes, muitas vezes insegura e insalubre (Hora, 2021).

No estado de Pernambuco, a partir de 2016, observa-se o surgimento de três grandes movimentos de mulheres no futebol pernambucano, associados aos três clubes da capital: Elas e o Sport, composto por torcedoras do Sport, Timbuzeiras, grupo identificado com torcedoras do Náutico e o Movimento Coralinas, composto por torcedoras do Santa Cruz. Desde então, essas mulheres têm movimentado perfis em redes sociais digitais e grupos digitais, compartilhando denúncias, vivências e mobilizações em torno das pautas feministas no universo dos clubes de futebol. Além disso, elas têm resistido às tentativas de desmobilização dos grupos e fomentado debates na sociedade pernambucana sobre as vivências das mulheres no futebol, articulando-se em rede com outros movimentos sociais, tais como a Marcha Mundial das Mulheres (MMM), o Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto (MTST) e o Fórum de Mulheres de Pernambuco, pois colaboram na organização de marchas e recebem apoio mútuo para concretizar ações significativas em prol de causas comuns.

Este trabalho teve como objetivo compreender os principais desafios na formação, atuação e permanência dos três movimentos de mulheres no futebol pernambucano, bem como suas principais conquistas nos últimos anos, analisando sua articulação em rede com outros

movimentos sociais feministas a partir das novas formas de agrupamento de comunidades no espaço virtual.

A escolha por uma abordagem qualitativa teve como objetivo identificar questões mais sensíveis à interpretação das emoções e das experiências dos indivíduos. De acordo com Sparkes e Smith (2014), o método qualitativo enfatiza a compreensão interpretativa, examinando dados para revelar significados e valores que somente as pessoas que vivenciaram o fenômeno estudado são capazes de experienciar. Um dos procedimentos utilizados foi o estudo de campo (Gil, 2008), com a observação direta das atividades dos grupos participantes durante os meses de novembro de 2022 até maio de 2023. O campo aqui pode ser compreendido como as atividades presenciais dos grupos, bem como a sua presença no ciberespaço.

Posteriormente, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com três lideranças de cada um dos grupos, para captar suas explicações e interpretações pessoais acerca do fenômeno estudado (Gil, 2008). Nas entrevistas, os principais temas de interesse foram abordados em três blocos:

- a) Surgimento, objetivo e principais ações realizadas pelo movimento;
- b) Desafios para a permanência e principais conquistas para o movimento;
- c) Relação do movimento com demais movimentos sociais, além de sua atuação nas mídias digitais.

Duas das entrevistas foram realizadas por meio digital e uma delas foi realizada pessoalmente, durante uma partida de futebol. As transcrições estão identificadas no trabalho com as siglas E1 para a Entrevistada 1 (integrante do Movimento Coralinas), E2 para a Entrevistada 2 (integrante das Timbuzeiras) e E3 para a Entrevistada 3 (integrante do Movimento Elas e o Sport), mantendo o anonimato conforme requisitado pelas interlocutoras.

A pesquisa também adotou a aplicação, via Google Forms, de questionário para uma amostra não probabilística de 100 participantes, obtendo 87 respostas de integrantes dos três grupos, com objetivo de compreender e descrever as características dessa população (Gil, 2008). A escolha pelo questionário se deu a partir da dificuldade em realizar entrevistas com as participantes, devido às adversidades encontradas no campo, sobretudo a dificuldade de gravação de entrevistas em um estádio de futebol com milhares de pessoas. Portanto, empregamos o questionário para a coleta de dados de forma rápida e eficiente, corroborando a premissa dos dados coletados nas entrevistas. A coleta ocorreu entre os meses de março a junho de 2023, através da plataforma Google Forms, e contou com a participação de 87 integrantes

dos movimentos participantes da pesquisa. O questionário foi enviado para elas em formato de link, divulgado nos grupos de WhatsApp oficiais dos movimentos.

O questionário contou com 20 perguntas fechadas, com somente uma opção de resposta, e 10 perguntas abertas, com espaço para texto longo. As respostas para as perguntas abertas foram organizadas em temas principais, e esses temas foram transformados em palavras-chave com a utilização do software para análise qualitativa Atlas, sendo possível a quantificação. Os números extraídos de toda esta análise estão explicitados ao decorrer do trabalho em gráficos.

No primeiro capítulo, examinamos a composição dos grupos observados, os principais desafios apresentados para a vivência feminina nas arquibancadas e as principais ações desenvolvidas por estes grupos para enfrentamento destes desafios, articulando reflexões sociológicas com os conceitos de gênero e violência simbólica.

No capítulo dois, a partir de leituras de Bauman e Maffesoli, tratamos da constituição dos grupos observados enquanto comunidades de afeto e acolhimento, a partir dos conceitos de tribos urbanas e comunidades digitais. No capítulo três, trazemos destaque para as redes sociais como extensão do território de ativismo, demonstrando de que forma a comunicação em rede fomenta novas redes de ativismo entre movimentos sociais. O quarto e último capítulo analisa, sob a perspectiva das integrantes, os principais desafios para permanência dos movimentos e as principais conquistas dos últimos anos.



## **2 ALÉM DAS ARQUIBANCADAS: O PROPÓSITO DE ATUAÇÃO DOS MOVIMENTOS DE MULHERES NO FUTEBOL PERNAMBUCANO**

Acompanhando o dinamismo da realidade dos movimentos sociais, Ilse Scherer-Warren (2006) discute a ascensão de novos atores sociais e formas de ação coletiva no contexto político do século XXI, marcado pela globalização e digitalização da sociedade. A sociedade civil está representada em três diferentes níveis organizacionais: a) o associativismo local; b) as formas de articulação interorganizacionais; e c) a mobilização na esfera pública em formato de protesto social

As formas de associativismo local estão expressas em pequenos movimentos comunitários e em sujeitos sociais envolvidos com causas do cotidiano, com destaque para os coletivos informais como grupos neo-anarquistas e outras tribos urbanas. Apesar da ausência de institucionalidade, eles lutam por reconhecimento e são produtores de novas formas de expressão simbólica. Essas organizações locais muitas vezes integram-se a organizações nacionais, por meio da participação em redes transnacionais de movimentos (Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra, Movimento Negro, Movimento dos Catadores de Lixo, dentre outros)

As formas de articulação interorganizacionais têm como objetivo o empoderamento da sociedade civil, relacionando-se entre si com auxílio de meios técnicos como a internet, representando as organizações e movimentos do associativismo local. Por meio dessa nova forma de comunicação, os encontros presenciais podem ser mais espaçados, já que a comunicação do dia a dia está assegurada por meio digital. Estão expressas em fóruns regionais, transnacionais, internacionais, e nas redes de redes.

Já o terceiro nível, a mobilização na esfera pública, se expressa nos protestos sociais de abrangência nacional, capazes de exercer pressão política mais expressiva, contando com uma capacidade de exposição midiática que produz visibilidade para os movimentos sociais dos demais níveis. Exemplos dessa forma de protesto social de maior abrangência, embora mais conjunturais, são: O Grito dos Excluídos, a Parada LGBTQIA + (Parada do Orgulho Gay), A Marcha Mundial das Mulheres (MMM). É importante frisar que essas organizações em rede podem fragmentar-se diante de conflitos inegociáveis, por mais que estejam abertas à articulação da diversidade de atores e simpatizantes participantes.

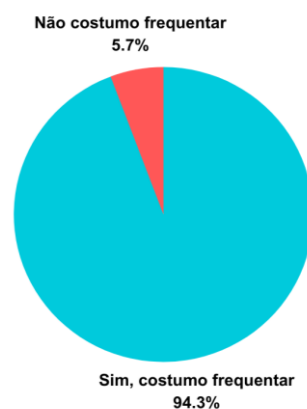
O resultado desse processo articulatório que vai se constituindo entre os níveis organizacionais é conceituado por Scherer-Warren (2006:113) como rede de movimento social:

Esta pressupõe a identificação de sujeitos coletivos em torno de valores, objetivos ou projetos em comum, os quais definem os atores ou situações sistêmicas antagônicas que devem ser combatidas e transformadas. Em outras palavras, o Movimento Social, em sentido mais amplo, se constitui em torno de uma identidade ou identificação, da definição de adversários ou opositores e de um projeto ou utopia, num contínuo processo em construção e resulta das múltiplas articulações acima mencionadas. A ideia de rede de movimento social é, portanto, um conceito de referência que busca apreender o porvir ou o rumo das ações de movimento, transcendendo as experiências empíricas, concretas, datadas, localizadas dos sujeitos/atores coletivos.

Nessa perspectiva, os movimentos de mulheres no futebol pernambucano encontram-se no primeiro nível organizacional, como uma tribo urbana que se articula com outros coletivos informais e movimentos sociais locais, conectando-se com as redes das redes, conforme veremos mais adiante nesse trabalho. São constituídos por mulheres torcedoras em sua totalidade, que buscam uma autorrepresentação no futebol, e lutam contra a violência de gênero no futebol, muitas vezes expressa em atos de violências simbólicas, e tem ao longo dos anos constituído uma teia de relações com movimentos de mulheres por direitos, sejam eles regionais ou nacionais.

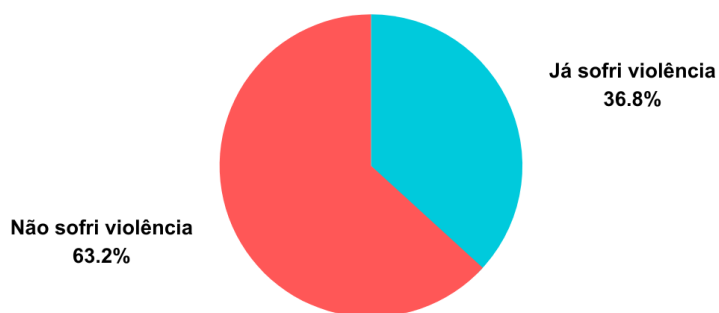
Os movimentos de mulheres nos estádios surgiram como uma resposta à insegurança que muitas torcedoras sentiam ao ir aos estádios sozinhas. A sensação de insegurança pode ser observada de modo objetivo nas respostas a duas perguntas do questionário (14 e 15), que de um total de 82 frequentadoras de estádios, uma proporção de 1 para 3 mulheres já sofreram alguma violência de gênero em estádios. Este dado pode ser observado, também, nos gráficos 1 e 2 a seguir.

Gráfico 1 – Frequência aos estádios de futebol



Fonte: Autoria própria.

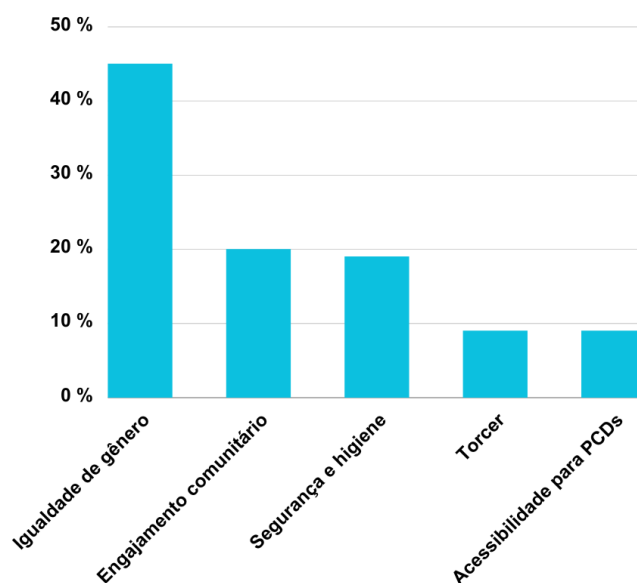
Gráfico 2 - Violência de gênero sofrida nos estádios



Fonte: Autoria própria.

Nesse sentido, identificam-se como principais ações realizadas pelos grupos as campanhas em prol da igualdade de gênero nas arquibancadas, principalmente vinculadas à promoção de um ambiente seguro nos estádios, segundo dado coletado na pergunta 19 do formulário, cujo objetivo era compreender a percepção das integrantes dos movimentos acerca das principais ações desenvolvidas por elas.

Gráfico 3 - Ações do movimento percebidas pelas integrantes

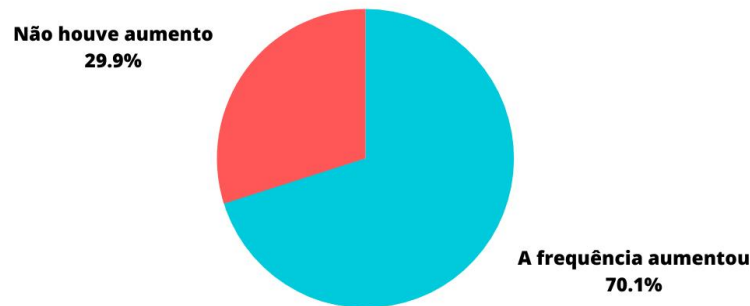


Fonte: Autoria própria.

As Timbuzeiras relatam as caronas solidárias, pontos de encontro no pré e pós-jogo garantindo um trajeto seguro, além de locais de encontro nas bancadas dos estádios como exemplos das ações que realizam. A necessidade de estar acompanhada de um homem para legitimação da presença feminina é substituída pelas noções de pertencimento, comunidade de afeto e segurança que a vivência entre mulheres propõe. Essa noção pode ser traduzida a partir do conceito de sororidade, defendido como “o entendimento de que existe entre nós mulheres

um sentimento de irmandade e solidariedade e que a igualdade de gênero começa também entre nós. Juntas, as mulheres podem empoderar umas às outras e lutar por seus direitos com mais força” (Toledo, A., 2014, p. 14).

Gráfico 4 - Frequência aos estádios e participação no movimento



Fonte: Autoria própria.

De acordo com 70% das interlocutoras da pesquisa, a participação nos movimentos de mulheres teve grande impacto no aumento da frequência de ida aos jogos em estádios, portanto, é seguro afirmar que essas atividades promovidas estão tendo resultados positivos no que se refere ao aumento no número de mulheres nas arquibancadas.

Movimentos como Elas e o Sport e as Coralinas também apontam para a pressão que exercem para a promoção de um ambiente salubre e seguro nas dependências dos clubes, banheiros e acessos como principais ações desenvolvidas. Destacam-se, entre as preocupações com estrutura sanitária a vulnerabilidade causada pela falta de portas nas cabines e na própria entrada dos banheiros e a insegurança causada pela falta de controle por gênero, já que muitas vezes há a presença de homens em banheiros destinados a mulheres. Também há ausência de estruturas voltadas para famílias, como fraldários e acesso à água. Essas condições desfavoráveis para a presença e permanência das mulheres e crianças em estádios podem ser compreendidas dentro de uma perspectiva de violência simbólica:

As mulheres são tratadas não como sujeito, mas como uma coisa, buscando-se impedir a sua fala e a sua atividade. Nesta perspectiva, a violência não se resume a atos de agressão física, decorrendo igualmente, de uma normatização na cultura, da discriminação e submissão feminina. [...] Assim, definir a submissão imposta às mulheres como uma violência simbólica ajuda a compreender como a relação de dominação - que é uma relação histórica, cultural e linguisticamente construída - é sempre afirmada como uma diferença de ordem natural, radical, irredutível, universal. (Soihet, 1997:9)

As melhorias nos banheiros já foram motivos de atos com repercussão nacional, como destacam as mulheres do Movimento Coralinas, que ganharam atenção de vários coletivos de

mulheres no futebol de todo Brasil com a denúncia que fizeram sobre a situação dos banheiros no Estádio do Arruda. Além disso, realizaram ações de adesivação nas portas dos banheiros e panfletagem para o público masculino em dias de partidas, chegando até mesmo à preparação de um ofício destinado a diretoria do clube com a cobrança por melhorias.

Na Ilha do Retiro, as integrantes do Elas e o Sport, pensando na pobreza menstrual e promoção da saúde coletiva, criaram uma caixinha colaborativa nos banheiros contendo itens de higiene sanitária e menstrual. Essa ação iniciou-se de forma independente no ano de 2022, com arrecadação e disponibilização dos materiais pelo grupo. A iniciativa que começou como protesto, hoje foi adotada pelo clube e institucionalizada, e está bem alinhada com as agendas feministas atuais que entendem as desigualdades de gênero como estruturantes das desigualdades sociais, estando na raiz da permanência e reprodução das situações de pobreza e exclusão social (Abramo, 2006).

O descaso pela higiene feminina apresentado nas instalações dos clubes de futebol também é um fator de atenção que corrobora com a narrativa de violência simbólica que permeia as relações de gênero no âmbito do futebol. As interlocutoras da pesquisa denunciaram as condições sanitárias precárias como um dos principais desafios para o acesso de mulheres nos estádios, como visto a seguir na fala da Entrevistada 2:

Os desafios, eles são constantes, né? Mas sem dúvidas um dos mais abrangentes é a luta incansável por um estádio melhor para todas, desde banheiros, segurança... Existe uma falta de investimento e interesse do clube por nossas pautas. Um exemplo é sobre os banheiros. Tivemos que nos unir para reverter essa situação, porque muitas não tem condição de trazer de casa esses itens e acabam desanimando de vir. E também fica aquela ideia de que aquele lugar não é pra gente, porque ele não acolhe, ele segrega. (E2, maio 2023)

Essa sensibilização para com a promoção de um ambiente salubre e democrático verifica-se também em dados coletados nos formulários aplicados via Google Forms, em que, na pergunta 9 do questionário, a maior parte das interlocutoras declararam viver com até 3 salários-mínimos e 21% delas contam apenas com uma renda total de até um salário-mínimo, cerca de R\$ 1320,00. Os dados estão explícitos no gráfico 5 a seguir:

Gráfico 5 - Renda da família



Fonte: Autoria própria.

Sendo assim, entendemos uma sensibilização para a promoção de um acesso democratizado tanto por gênero quanto por classe nos estádios, motivadas pelo combate à exclusão social promovida pela elitização dos espaços de torcida. Nos estádios dos Aflitos, Arruda e Ilha do Retiro (alguns dos poucos estádios no Brasil que ainda possuem setores populares conhecidos como *geral*) verifica-se melhores condições sanitárias restritas para setores reservados para os ingressos mais caros destinados à pessoas com maior poder aquisitivo.

Essa elitização é parte de um processo estrutural da indústria do esporte no Brasil, fruto de uma apropriação do futebol pela elite e pelo mercado (Ferrari, 2017), e seu combate prevê a necessidade de articular a dimensão das condições materiais de existência com a dimensão simbólica de sua reprodução: estigma, discriminação, desvalorização pessoal e coletiva (Scherer-Warren, 2007). Sendo assim, os movimentos também desempenham outras atividades, aqui compreendidas como de engajamento comunitário.

Campanhas de doação de sangue, mobilizações em situações de desastre climático, arrecadação de alimentos, a promoção do acesso de pessoas marginalizadas a itens de torcedor como camisetas, kits dos clubes, ingressos e visitas ao estádio, palestras em escolas e ambientes universitários. Essas são somente algumas das ações que realizam dentro do calendário sazonal, orientadas pelo ativismo dos dias atuais, marcado, segundo Scherer-Warren (2006) por uma tendência de:

Protagonizar um conjunto de ações orientadas aos mais excluídos, mais discriminados, mais carentes e mais dominados. A nova militância passa por essa nova forma de ser sujeito/ator. Portanto, a divisão clássica de ONGs *think tanks* (ou produtoras de conhecimento), ativistas (ou cidadãos) e prestadoras de serviço (ou de caridade) tende a dar lugar a organizações que mesclam, cada vez mais, essas três

formas de atuação, tendo em vista seus compromissos com o pró-ativismo no campo da democracia.

É importante frisar que todas essas ações são realizadas pelas integrantes dos coletivos de maneira independente, contando apenas com o apoio financeiro, estrutural e logístico de outros movimentos sociais, ou com a arrecadação coletiva através de rifas, contribuições solidárias e a venda de produtos como bonés, copos, camisas, dentre outros. Essas atividades são transformadas em conteúdos nas redes digitais, e muitas vezes são oriundos de debates que se iniciam nos grupos. Todas as atividades realizadas por elas são documentadas, transformadas em conteúdo e disponibilizadas para compartilhamento em todas as plataformas digitais: Facebook, Instagram, Twitter, TikTok, WhatsApp e Telegram.

No calendário anual, algumas datas se destacam como momentos importantes para a realização de campanhas em prol da igualdade de gênero, ainda que fora do ambiente das arquibancadas. As torcedoras organizam atividades em datas como Carnaval, 8 de março e Dia das Crianças. No Carnaval, os registros de estupro aumentam em 50% nos dias do feriado, segundo o Sistema de Informações de Agravos de Notificação (SINAN), o que motiva as integrantes dos coletivos a realizarem campanhas específicas contra o assédio sexual.

No grupo das tricolores, há a elaboração de tatuagens temporárias com os dizeres “Não é não”, confeccionadas para pele negra e para pele branca, com símbolos alusivos ao coletivo e ao clube Santa Cruz. Nos dias de festa, saem pelas ruas do carnaval distribuindo as tatuagens, conscientizando e conversando com homens e mulheres sobre a importância do respeito ao consentimento. Essa ação é realizada, principalmente, em blocos e troças de carnaval associadas à torcida tricolor, como o bloco Minha Cobra. É importante frisar que essa, assim como todas as outras ações do coletivo, é realizada de forma independente, custeada com venda de produtos do coletivo como camisas, bonés e copos.

As redes sociais digitais também são utilizadas como plataforma para propagar essa mensagem durante o período carnavalesco. No Instagram do coletivo Elas e o Sport, no mês de fevereiro de 2023 foram realizadas 21 publicações, sendo 10 destas publicações com o tema da campanha contra o assédio no Carnaval. Nestas publicações são produzidos textos incentivando o respeito sobre o corpo da mulher, frases educativas sobre consentimento, e até mesmo informações sobre como denunciar através do número 180.

Já o dia 8 de março, instituído pela ONU em 1975 como Dia Internacional da Mulher, é marcado por grandes atos, marchas e eventos de mulheres, voltadas para a luta por igualdade de gênero. Também é uma data importante para os coletivos aqui retratados, que, além de

marchar na rua com mulheres de outros coletivos feministas, já promoveram ações em conjunto como o Encontro de Mulheres de Arquibancada: evento construído em prol da discussão da existência de mulheres nas arquibancadas, dentro de uma perspectiva feminista. São convidadas jornalistas esportivas, árbitras, pesquisadoras e torcedoras de diversos times.

O evento que ocorre no 8 de março é para todas as mulheres, independente do contexto de rivalidade de torcida. O que para muitos torcedores homens pode parecer inconcebível, para as mulheres do Elas e o Sport, Timbuzeiras e Coralinas, é naturalizado: nesses eventos há a presença de mulheres de outros locais do Brasil, identificadas com outros clubes rivais como Bahia (BA), Grêmio (RS) e Internacional (RS), bem como a presença de mulheres dos três grupos locais em uma mesma atividade. O circuito de atividades em torno do 8 de março demonstra e reforça a frase mais repetida nas entrevistas: “Somos rivais em campo, e irmãs na luta”.

Integrantes das Timbuzeiras chamam atenção para as palavras *conexão e propósito* como definidoras desse período do ano. Todo ano, as Timbuzeiras se organizam em prol dessa data e preparam também conteúdos específicos para serem compartilhados dentro da comunidade do Náutico, principalmente expondo frases explícitas de repúdio que mulheres escutam no contexto do futebol, e demonstrando que os três movimentos estão em conexão com o mesmo propósito: compartilham as atividades, conteúdos e registros umas das outras.

O Dia das Crianças também é uma data que fortalece os laços entre os movimentos de mulheres no futebol pernambucano com outros movimentos sociais: as ações de engajamento comunitário em torno dessa data se concentram em crianças em situação de vulnerabilidade socioeconômica, que no Brasil são cerca de 32 milhões segundo dados do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF). Nessa data, em parceria com o Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto (MTST), as Coralinas realizam atividades com as crianças do movimento, o Projeto Formiguinhas.

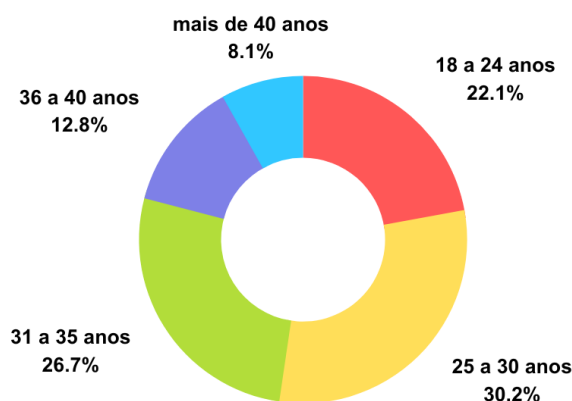
As atividades preveem a viabilização do transporte, deslocamento para crianças e pais, festa dentro das dependências do clube, ida ao Arruda, visitação de salas importantes, distribuições de padrões para os pequenos entrarem em campo, lanche com bolos, salgados, brincadeiras, e a distribuição de um kit com guloseimas, bolas de futebol, mas também com livros sobre mulheres importantes para a história do feminismo (Dandara dos Palmares, Pagu, entre outras). O intuito desse evento, para além da promoção de acesso a itens de futebol e experiências dentro do clube para pessoas em situação de vulnerabilidade social, é mostrar que as mulheres também podem, devem e precisam ocupar espaços de poder.



Ações também são realizadas em parceria com organizações não governamentais. Os registros dessas atividades são escassos, porque como apontam as Timbuzeiras, é importante proteger a identidade dessas crianças que muitas vezes são resgatadas de violência doméstica, contexto de tráfico de drogas e disputas por território e terras. Nesses eventos, são arrecadados e recolhidos alimentos, itens de higiene pessoal, brinquedos e livros. Já houve também ações em conjunto com o projeto Cores do Amanhã, que promove transformação social através da cultura, cidadania e esportes. A iniciativa cultural promove a realização de obras de grafite com crianças em muros de escolas e praças comunitárias, desenvolvendo os temas como soberania alimentar, respeito às diferenças e preservação da biodiversidade tanto nos murais quanto em sala de aula com os professores.

A maternidade, infância e trabalho reprodutivo são temas relevantes para as interlocutoras, que incluem a vivência e segurança de crianças e adolescentes no estúdio como uma das prioridades dos movimentos protagonizados por elas. Essas informações estão descritas nos gráficos abaixo, com os dados coletados nas questões 3 e 6 do formulário, respectivamente, acerca da idade e a maternidade entre as interlocutoras. Mais da metade das participantes da pesquisa têm entre 25 e 35 anos de idade, e 43,7% são mães. Portanto, a preocupação com o segmento infantil é verificável entre as integrantes dos movimentos, conforme já visto anteriormente. As informações completas sobre idade e a relação das participantes da pesquisa com maternidade estão nos gráficos abaixo:

Gráfico 6 - Idade das participantes



Fonte: Autoria própria.

Gráfico 7 - Relação entre participantes e maternidade



Fonte: Autoria própria.

Para os movimentos de mulheres no futebol pernambucano, a arquibancada é local de manifestações simbólicas e pressões políticas, mas seu propósito de atuação vai muito além dos estádios, estendendo-se para outros espaços para além da vivência no futebol. Através da teia de relações com outros movimentos sociais e tribos urbanas, as redes de movimentos sociais possibilitam a promoção de uma diversidade de pautas e fortalecimento mútuo entre iniciativas regionais, nacionais e transnacionais. Para Scherer-Warren (2006) “essa é a nova utopia do ativismo: mudanças com engajamento com as causas sociais dos excluídos e discriminados e com defesa da democracia na diversidade”. Além disso, as arquibancadas se tornaram um ponto de encontro, um espaço de sociabilidade, de lazer, estimulando também o acolhimento entre mulheres.

### 3 IRMÃS NA LUTA: AS COMUNIDADES DE AFETO E ACOLHIMENTO

Os movimentos de mulheres no futebol pernambucano afirmam-se como rivais em campo pelo histórico do esporte marcado por disputas e rivalidades inerentes, mas identificam-se irmãs na luta porque fomentam as atividades umas das outras e entendem a existência pioneira dos coletivos como um legado para a sociedade. Além disso, configuram-se como uma tribo urbana capaz de orientar a identidade de seus membros e gerar sentimentos de pertença e segurança.

As tribos urbanas sugeridas por Maffesoli (1998) remontam ao conceito de comunidade presente no pensamento de Max Weber (1987), que define as comunidades emocionais como baseadas no sentido de solidariedade resultante das ligações emocionais ou tradicionais dos participantes. Para Maffesoli (1998), a ocorrência das tribos urbanas sugere um resgate ao senso de comunidade então enfraquecido pelo surgimento das ideias do liberalismo burguês do século XVIII. A necessidade de fragmentação da aldeia medieval surgiu com o intuito de promover o indivíduo e a nação, evidenciando as noções de liberdade e individualidade.

As novas estruturas sociais vêm se configurando, nos últimos anos, substituindo a ideia de individualismo e nacionalismo presentes na era moderna. As tribos urbanas são formações sociais que transcendem os antigos laços estabelecidos por aldeias, e posteriormente pela cidade ou nação, e que na atualidade se dão muito mais por laços de afetividade, interesses comuns e a busca pelo reconhecimento no outro. São agrupamentos constituídos pela aproximação de pessoas que se identificam com rituais e elementos culturais em comum e que:

O fato de partilhar um hábito, uma ideologia, um ideal determina o estar junto, e permite que este seja uma proteção contra a imposição, venha ela do lado que vier. (...) A confiança que se estabelece entre os membros do grupo se exprime por meio de rituais, de signos de reconhecimento específicos, que não tem outro fim senão o de fortalecer o pequeno grupo contra o grande grupo. (...) A partilha secreta do afeto, ao mesmo tempo em que confirma os laços próximos, permite resistir às tentativas de uniformização (Maffesoli, 1998, p. 131).

Portanto, é possível compreender a formação destes movimentos, para este autor, como tribos urbanas ancoradas na busca pela proteção, por meio de rituais, signos e a partilha do afeto, com a geração de novos laços de proximidade. Os rituais e signos estão compreendidos nas músicas, faixas, e demais elementos estéticos que geram identificação entre as participantes dos grupos, ao mesmo tempo que geram diferenciação para os demais grupos. Já a partilha do afeto e geração de novos laços de proximidade ocorre no dia a dia, com a recorrência de atividades e vínculos sociais que transcendem os eventos esportivos.

Podemos destacar em Maffesoli (1998, p. 31) as noções de estética (o sentir em comum), ética (laço coletivo) e o costume (a fundamentação do estar-junto) como fundamentais para a construção desse neotribalismo no qual os movimentos de mulheres no futebol pernambucano estão inseridos. No âmbito da estética, a dimensão do sentir em comum está associada às grandes sensações experimentadas nas dinâmicas dos grupos onde sentimentos como a segurança, o orgulho em pertencer e o fortalecimento entre mulheres são despertados.

No que se refere à ética, as práticas cotidianas, tradições e rituais que fortalecem os laços entre as integrantes dos movimentos, está expressa na construção das notas coletivas, eventos, encontros, uma vez que tudo é realizado de forma coletiva e horizontal. A fundamentação do estar junto, isto é, o costume, são os padrões de comportamento do grupo, e estão associados nos movimentos à construção de identidade visual própria, *slogans*, e palavras de ordem, a criação de itens institucionais como bonés, copos, faixas, bandeiras, etc.

Para Bauman (2003, p. 129), a dimensão da segurança para constituição das comunidades é de extrema importância, uma vez que “sentimos falta da comunidade porque sentimos falta da segurança, qualidade fundamental para uma vida feliz.” É possível identificar a busca pelo acolhimento e segurança nos movimentos, quando, por exemplo, promovem atividades fechadas somente para mulheres. No relato da Entrevistada 1, ela descreve um desses momentos:

Às vezes a gente abre espaço para que homens escutem, só como ouvintes. Mas às vezes, fazemos eventos fechados só para mulheres, porque a gente percebe que é um espaço de muita vulnerabilidade, muitas mulheres choram e compartilham situações de violência que vivenciaram ao longo da vida atrelado ao futebol, aos times. Então às vezes a gente prefere limitar a participação dos homens por causa disso. É um momento de muita exposição (E1, maio 2023).

Norbert Elias (1985) argumenta que a violência no futebol é decorrente de tensões dentro da sociedade, e não ocasionadas pela própria prática do esporte de contato, uma vez que a sociogênese do esporte proposta pelo autor orienta-se pela necessidade de explicar aspectos da sociedade a partir do desenvolvimento social. Ainda ressalta que a observação dos fenômenos sociais decorrentes dos esportes precisa ser realizada sob à luz das interdependências e conflitos da sociedade em que ele está inserido:

Mas mesmo o endurecimento do jogo não pode ser explicado se os desafios do futebol profissional forem considerados isoladamente. As razões têm de ser encontradas, quase que por certo, no nível crescente das tensões que existem na sociedade em geral. O mesmo pode se dizer dos actos de violência cometidos, com bastante regularidade, por espectadores (Elias, 1985, p. 88).

Com efeito, o mesmo pode se dizer das manifestações dos grupos aqui investigados. O agrupamento das torcedoras se deu em torno do incômodo com a crescente tensão e desigualdades de gênero na sociedade em geral, sobretudo em um ambiente ultra masculinizado como o futebol, orientando-se em busca de um sentimento de segurança. Além disso, a busca pelo convívio entre mulheres com identidades próximas e interesses alinhados também é verificável no relato da Entrevistada 3:

Geralmente eu ia sozinha aos jogos e com um pouco de receio, com o coletivo, agora tenho companhia e segurança de poder participar ativamente dos jogos e eventos do time que amo. Também melhorou muito a minha integração com meu time após o convívio com mulheres que têm a mesma paixão que a minha (E3, maio 2023).

Especificamente tratando do futebol, Elias destaca o caráter de combate mimético, controlado e não violento do esporte, onde movimento e emoção estão conectados, não somente entre os jogadores, mas também entre o público. (Elias, 1985, p. 83). Nesse sentido, o ato de jogar e o ato de torcer estão intimamente ligados pela emoção. A partir da imaginação, os torcedores conseguem enxergar uma partida disputada por 22 jogadores em torno de uma bola como uma narrativa de batalha em uma história épica, através da criação de tensões. “Perigo imaginário, medo ou prazer mimético, tristeza e alegria são produzidos” (Elias, 1985, p. 77).

É por isso que o esporte é capaz de movimentar paixões, e quando indivíduos se agrupam em torno de uma equipe com o intuito de torcer, sentem-se imbatíveis. Essa excitação transmite coragem, e, sobretudo, a sensação de coletividade, quando “no caminho para o jogo, não se está mais sozinho, não se está mais com um pequeno grupo de amigos diários. Agora são centenas, até mesmo milhares, do seu gênero” (Elias, 1985, p. 90).

Arlei Damo (2006) define esse sentimento como *clubismo*: “a adesão afetiva dos torcedores que configura comunidades de sentimento através de um sistema de afetos”. Apesar disso, grupos como Elas e o Sport, Movimento Coralinas e Timbuzeiras existem para além desse *clubismo* e também podem ser compreendidas como tribos urbanas, a partir da leitura de Maffesoli (1998). Os elementos dessa pulsão comunitária são reelaborados no mundo contemporâneo a partir de uma aura estética, com resgate de elementos místicos e ritualísticos, antes presentes nas religiões, como o encantamento pela entonação de músicas, exaltação de símbolos e ídolos, a devoção pela padronização da vestimenta, o reconhecimento e respeito mútuo entre membros, a vibração em sintonia, etc.

Portanto, a dimensão dos afetos e sentimentos é importante para a compreensão desses grupos aqui analisados. Na pergunta 24 do formulário, “Com relação a sua atuação no movimento indique três (ou mais) sentimentos mais relacionados com o movimento”, as

participantes da pesquisa eram convidadas a marcar 3 ou mais sentimentos associados às suas participações nos movimentos. Como podemos verificar no quadro abaixo, os sentimentos de orgulho, paixão e empatia são mais representativos, segundo as participantes:

Quadro 1 – Sentimentos relacionados à participação no movimento

Sentimento	Quantidade de respostas
Orgulho	68
Paixão	65
Empatia	59
Força	55
Liberdade	50
Cooperação	48
Responsabilidade	47
Pertencimento	42
Determinação	32
Valentia	24
Euforia	21
Convicção	19
Tensão	9
Nenhum dos citados	1

Fonte: Autoria própria.

Sentimentos como orgulho, paixão, força e liberdade são destacados pelas interlocutoras da pesquisa, embora sejam atributos individuais, também estão associadas ao âmbito coletivo. Encontramos isto tratado por Elias:

O orgulho, por exemplo, pode ser entendido a partir desse fator de interdependência da identidade do “eu”, uma vez que o “eu” tem orgulho em pertencer e construir um “nós”, que será, por consequência, em oposição a “eles”. Em suas palavras, o autor ressalta que: “O sentido que cada um tem de sua identidade está estreitamente relacionado com as relações de ‘nós’ e de ‘eles’ no nosso próprio grupo e com a nossa posição dentro dessas unidades que designamos ‘nós’ e ‘eles’” (Elias, 1980, p. 139).

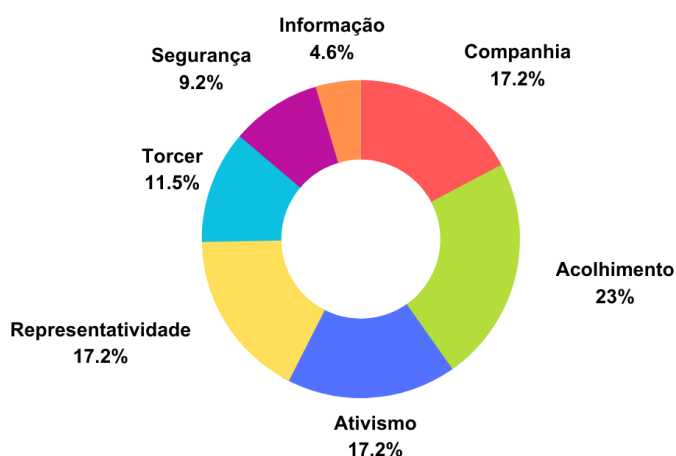
A paixão, força e liberdade também são sentimentos que se expressam na coletividade, ainda que estejam permeados pela individualidade. São emoções que partem do empoderamento e das possibilidades que a vivência coletiva proporciona, inclusive da

construção de uma identidade que não é herdada, mas construída, como aponta Bauman (2005) sobre as identidades líquido-modernas. Essa construção de identidade é passageira e se contrapõe a um tipo de identidade mais perene, como a identidade nacional, podendo inclusive cindir com a dissolução do grupo.

Já a empatia, cooperação, responsabilidade e pertencimento, são atributos coletivos que aparecem com bastante força. Estes sentimentos estão associados à dimensão estética das tribos urbanas, conforme visto em Maffesoli (1995) “aquilo que me faz experimentar sentimentos, sensações e emoções com os outros”. Referem-se a emoções experimentadas invariavelmente em coletivo, para o coletivo e sobre o coletivo, e também funcionam como ferramentas que estruturam os valores desses movimentos.

A busca pelo pertencimento é destacada diversas vezes pelos dados obtidos também nas entrevistas e no questionário, como na décima sétima pergunta onde as participantes puderam citar os principais motivos que levaram a adesão inicial aos movimentos, pudemos elencar os principais motivadores para essa adesão: a busca pelo acolhimento feminino (23%) a companhia para assistir aos jogos (17%) e o ativismo político (17%).

Gráfico 8 - Principais motivações para participação no movimento



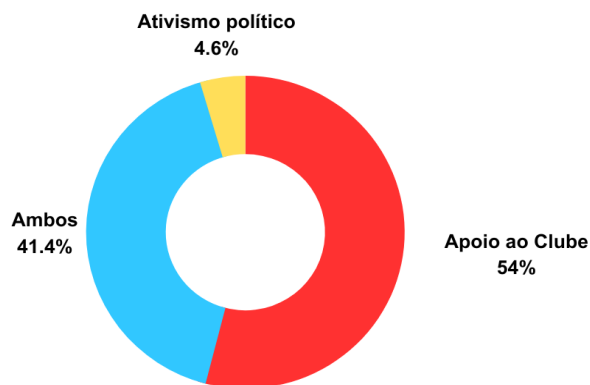
Para essas mulheres, somente nos grupos de ativismo feminista de arquibancada elas estão envolvidas em coletividades que expressam solidariedade, companheirismo e o pertencimento desejado no ambiente do futebol. Algumas das interlocutoras relatam as experiências de saída de outras torcidas e grupos para participação exclusiva nos coletivos feministas, a partir da experiência com o machismo nos grupos mistos.

Participei de outra torcida, a diferença é que no Elas todas são ouvidas e respeitadas, não somos ameaçadas e nem tiram o nosso direito de expressar o que queremos falar (E3, maio 2023).

A noção de movimento é essencial para nortear o entendimento da atuação dos grupos aqui analisados: as torcidas organizadas, uniformizadas, ditas *tradicionais* possuem uma estrutura organizacional específica, com presidentes, conselhos e diretores, além de terem seu propósito totalmente alinhado apenas com o ato de torcer e cobrar resultado dos times em campeonatos. Muitas dessas torcidas também recebem incentivos do próprio clube para a sua permanência. O surgimento de comunidades no espaço virtual permitiu novas formas de agrupamentos de mulheres torcedoras no Brasil, em plataformas digitais como blogs e redes sociais, configurando novas identidades dentro do campo futebolístico, trazendo para esse ambiente novas demandas, significados e ritos.

Combinando elementos estéticos de torcidas tradicionais e dinâmicas próprias de movimentos sociais, os movimentos de mulheres no futebol pernambucano criaram uma nova forma de sociabilidade nas arquibancadas, associando o apoio ao clube ao ativismo político. Quanto a isto, verificamos na pergunta 22 do questionário que 41,4% das participantes afirmam que sua participação no movimento é baseada tanto no ativismo político quanto no apoio ao clube, conforme os dados explicitados no gráfico 9, a seguir:

Gráfico 9 - Atuação no movimento



Além de criarem novos paradigmas no ato de torcer, criam tensões internas, disputas por narrativas e por protagonismo entre membros de torcidas rivais, ou até mesmo dentro de suas próprias comunidades. Um exemplo dessas contradições internas é a busca por representatividade feminina nas arquibancadas. A Entrevistada 1, uma das integrantes mais antigas das Coralinas, relata que na fundação do grupo a aceitação não foi imediata:

O movimento incomodou no início, houve ameaças por parte de pessoas que não enxergavam a arquibancada como um espaço de existência política e reivindicação. Quando a gente vai expor e questionar privilégios, isso abala estruturas (E1, maio 2023).



As Timbuzeiras relatam com tristeza episódios de assédio sofrido que transcenderam a ameaça e chegaram às vias de fato, em campo e nas redes sociais, onde foram atacadas exclusivamente por serem mulheres. Esses fatos acabaram por corroborar a ideia de que tinham de um longo caminho a ser percorrido em prol da igualdade de gênero no âmbito do esporte. Entende-se que a disputa por espaço dentro do universo futebolístico pressupõe dilemas de enfrentamento das representações históricas de feminilidade (Goellner, 2005, p. 143), e que os movimentos de mulheres no futebol tendem a desafiar essas representações criando novos paradigmas.

A gente também tem uma faixa, que a gente pede autorização à Polícia Militar, bota a faixa pra dentro do estádio, pendura lá e já começa uma briga gigante para conseguir um espaço no alambrado, e não é todo mundo que quer um símbolo feminista pendurado no alambrado (E1, maio 2023).

A briga por espaço no alambrado para colocar uma faixa da torcida relatada por uma interlocutora demonstra o teor de competitividade entre os grupos de torcedores em estádios, e que para um grupo feminista essa competitividade pode ser ainda maior: “É uma briga de espaço, de se fazer presente, se mostrar. Mostrar que as mulheres estão ali, ocupando, precisamos ser vistas” (E1, maio 2023). Entretanto, com o passar do tempo, a aceitação enfim aconteceu e hoje as torcedoras convivem bem com os demais agrupamentos dos clubes.

Os três grupos relatam parcerias e incentivos das outras torcidas para com elas, nos dias de hoje: A torcida organizada Inferno Coral chegou a emprestar um tatame para as Coralinas realizarem uma atividade de defesa auto pessoal para mulheres, no Náutico, as Timbuzeiras entendem que seu intuito não é criar uma rivalidade com homens, e sim promover a inclusão das mulheres, e as torcedoras do Elas e o Sport defendem a coexistência de todos os grupos para um ambiente democrático. A reunião em comunidade não pressupõe o isolamento, muito pelo contrário, é em busca da conexão pelos afetos.

Essa conexão, se observada sob a égide dos movimentos sociais, está no centro da teia de interdependência que resulta no processo da criação de redes de redes, uma vez que os associativismos localizados e setorializados sentem a necessidade de articulação entre outros agrupamentos que compartilham das mesmas identidades sociais ou lutas políticas, com o objetivo de ganhar visibilidade, produzir impacto na esfera pública e exercer pressão política para a conquista de direitos e de cidadania (Scherer-Warren, 2006).

#### 4 COMUNICAÇÃO EM REDE: CONEXÕES ENTRE TORCEDORAS E MOVIMENTOS SOCIAIS

“O movimento não existe enquanto torcida, ele existe enquanto coletivo político formado por torcedoras” (E1, maio 2023). Os movimentos de mulheres no futebol pernambucano têm trajetórias de formação peculiares, formas de atuação bem definidas e um objetivo em comum: fomentar a presença de mulheres no contexto do futebol. O contexto de fundação dos três movimentos remonta a 2016, quando os novos movimentos sociais já utilizavam a internet como ferramenta de propulsão de discurso, como aponta Castells (2017). Por terem seus momentos de fundação tão próximos, esses movimentos particulares surgiram como um movimento único, em rede, protagonizado por mulheres pernambucanas inseridas nos diferentes contextos de torcidas de futebol.

No caso desses movimentos, elas se diferenciam de torcidas de futebol por três questões fundamentais:

a) a primeira, é o que Arlei Damo (2006) define como *clubismo*. Como dito anteriormente, os movimentos não se pautam principalmente no clubismo em relação ao seu clube de futebol, apesar de terem se encontrado a partir desse elemento. O clubismo ficou em segundo plano; em primeiro plano, está o propósito de luta feminista dentro do contexto do futebol.

b) a segunda questão fundamental se apresenta na associação entre torcedoras e coletivos de luta feminista em rede

c) a terceira questão fundamental para a diferenciação dos movimentos de mulheres no futebol pernambucano para as demais torcidas organizadas é essa nova forma de comunicação em rede, que as coloca em posição de igualdade com as demais torcidas, ao contrário da realidade de disputas por espaço, narrativa e voz dentro dos estádios.

A comunicação em rede pressupõe o encontro, formação e sociabilidade de um movimento para com o resto da sociedade, superando barreiras geográficas e temporais, sendo compreendida como “formas organizacionais, expressões culturais e plataformas específicas para a autonomia política” (Castells, 2017, p. 86). Por meio da utilização das mídias digitais, as torcedoras que compõem os movimentos de mulheres no futebol pernambucano puderam encontrar uma forma de comunicação para a autonomia política desejada nas arquibancadas.

Entretanto, é quando essas demandas políticas de autonomia e autorrepresentação são materializadas em ações coletivas, que estas organizações de torcida assumem caráter de

movimento social. Estes indivíduos agrupam-se em redes, e assim, esse processo de comunicação acarreta na ação coletiva (Castells, 2017, p. 21). Essa forma de atuação que compreende a presença digital e territorial só é possível devido à constituição de um espaço que Castells denomina o “novo espaço público dos movimentos sociais”:

Espaço híbrido entre as redes sociais da internet e o espaço urbano ocupado: conectando o ciberespaço com o espaço urbano numa interação implacável e constituindo, tecnológica e culturalmente, comunidades instantâneas de prática transformadora (Castells, 2017, p. 20).

Portanto, a atuação em conjunto com MTST, a participação em atividades do Fórum de Mulheres e a construção junto da Marcha Mundial das Mulheres (MMM) é o que permite que possamos perceber os movimentos de mulheres no futebol pernambucano como movimentos políticos que existem na arquibancada, mas não somente na arquibancada, de acordo com a Entrevistada 1 (maio 2023):

Isso é um ponto importante a ser considerado, que o Movimento Coralinas não existe enquanto torcida, ele existe enquanto coletivo político formado por torcedoras do Santa. Então obviamente estamos ali enquanto torcedoras também, mas esse não é o intuito principal. A gente não existe enquanto estrutura de torcida feminina, ou de torcida organizada. Somos um movimento político formado por torcedoras do Santa Cruz.

Essa atuação é destacada pela Entrevistada 1 (maio 2023) como um posicionamento também prático, não residindo apenas no campo do discurso:

Ao longo da nossa história, sempre estivemos presente em atos de rua, porque a gente se coloca como um movimento político, então assim, participamos ativamente de ações para fortalecimento da campanha de esquerda, que a gente considerava ali mais bem alinhada com as nossas ideias e com a urgência que o Brasil precisava, que foi a de Lula. Na época chamamos atos de rua, participamos de atos que outras pessoas e organizações puxavam, marchamos ao lado do Fórum das mulheres, MTST, Fórum de mulheres negras de Pernambuco.

Embora utilizem as redes sociais digitais como ferramenta de comunicação e agrupamento, é por meio da realização de ações em prol da transformação social em conjunto com outras organizações que elas atuam arquitetando uma teia de atuação em rede com outros movimentos sociais:

As redes de movimentos sociais possibilitam, nesse contexto, a transposição de fronteiras territoriais, articulando as ações locais às regionais, nacionais e transnacionais; temporais, lutando pela indivisibilidade de direitos humanos e diversas gerações históricas de suas respectivas plataformas; sociais em seu sentido amplo, compreendendo o pluralismo de concepções de mundo dentro de determinados limites éticos, o respeito às diferenças e a radicalização da democracia através do aprofundamento da autonomia relativa da sociedade civil organizada. Essa é a nova

utopia do ativismo: mudanças com engajamento com as causas sociais dos excluídos e discriminados e com defesa da democracia na diversidade (Scherer-Warren, 2006).

É importante frisar que essa aproximação com a MMM e o Fórum de Mulheres de Pernambuco, por exemplo, se dá a partir da atuação de militantes desses movimentos sociais no bojo dos movimentos de torcedoras. A configuração de um novo perfil de militante, associada à construção de diversos movimentos sociais, atribui à nova geração essa transversalidade de ativismo. A interação entre esses movimentos se dá a partir dos indivíduos que os constroem simultaneamente, e permite que as ações de um coletivo tenham apoio (inclusive financeiro) de outro, levando novas militantes do coletivo apoiador para o coletivo apoiado, e vice-versa, e assim por diante.

Outro ponto importante é a conexão em rede entre os movimentos de mulheres em seus respectivos clubes com outros coletivos progressistas, como o Quilombo do Arruda e o Coral Pride (coletivo de negritude e da comunidade LGBTQIA+, respectivamente, dentro do Santa Cruz), e no caso do Sport, Autistas da Ilha. No âmbito regional, destacam-se as relações entre as Torcidas Unificadas Antifascistas do Nordeste, um grande grupo regional de torcidas antifascistas que promove ações conjuntas no contexto do futebol nordestino.

Uma das ações destacadas em conjunto com essa rede foi a faixa erguida durante a prisão do presidente Lula, com os dizeres “Lula Livre, Arquibancadas Livres”. Esse tipo de ação é considerado clandestino, porque burla o protocolo de manifestações dentro do estádio: todo material de faixa precisa ser aprovado previamente com ofícios pela Polícia Militar local.

Destaca-se o Grupo de Mobilização Nacional entre vários movimentos de mulheres no futebol em todo Brasil. Em todas as falas em entrevistas este grupo foi citado. Esse grupo de mobilização existe no WhatsApp, um aplicativo de mensagens, e é um território de discussão, planejamento e compartilhamento de ações. Para o Movimento Coralinas, o grupo de articulação nacional foi fundamental para exercer pressão sobre o clube com relação à falta de fiscalização nos banheiros.

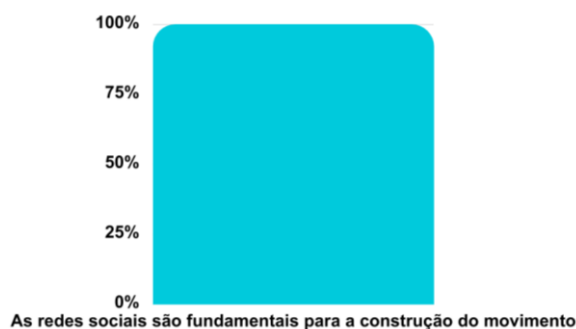
Elas filmaram, compartilharam este conteúdo, e as mulheres da Gaviões da Fiel (torcedoras do Corinthians, de São Paulo) impulsionaram essa denúncia com compartilhamento. Isso fez com que torcedoras do Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul, e outros estados, também compartilhassem a denúncia em forma de carta aberta. Após essa grande repercussão nacional, o clube passou a colocar um fiscal na porta dos banheiros em 2022.

As Timbuzeiras já receberam críticas em suas redes sociais por terem compartilhado ações de mobilização de mulheres de clubes rivais, conforme relatado em entrevista. Elas afirmam que as postagens se tornaram uma polêmica por conterem elogios à organização Elas e o Sport, quando mais de 18 mil mulheres compareceram ao estádio para um jogo com proibição de público masculino. Os vídeos foram compartilhados com entusiasmo, por demonstrar que em um ambiente masculino, as mulheres também têm protagonismo, e que “muitas vezes são tão apaixonadas pelo clube quanto os próprios homens” (E2, maio 2023). E o objetivo de compartilhar conteúdos de apoio a um time rival é “nosso propósito é muito maior que a rivalidade” (E2, maio 2023).

Para os movimentos, esse tipo de articulação é um fortalecimento, uma reafirmação de que não estão sozinhas. Esse é um dos pontos que faz com que as organizações resistam ao desafio de permanecer por tanto tempo, e aos demais entraves que vão surgindo. Para além da sororidade entre mulheres, a conexão entre os diferentes movimentos pode ser compreendida a partir da rede de movimentos sociais na América Latina, que tem como característica a construção de utopias de transformação unificadas no lema “um outro mundo é possível”, conforme Scherer-Warren (2008).

Retomando a ideia de espaço híbrido dos novos movimentos sociais, apontada por Castells (2017), as comunidades digitais têm grande importância para atuação desses grupos. Em todo o formulário, apenas uma pergunta obteve resposta unânime: todas as 87 participantes da pesquisa acenaram positivamente para o questionamento contido na pergunta 28 “*Você acredita que as redes sociais são fundamentais para a construção do movimento?*” Essa pergunta também continha um espaço aberto para comentários e justificativas. A partir dessa leitura entendemos que o principal objetivo da presença no meio digital é alcançar mais mulheres, além de propagar a mensagem feminista, causando impacto na sociedade como um todo.

Gráfico 10 - Construção do movimento e redes sociais digitais



Fonte: Autoria própria.

Muitas das atuais integrantes conheceram os coletivos através das redes sociais digitais, portanto, consideram que há uma relação de causa e efeito entre aumento do alcance e divulgação do grupo com a entrada de novas integrantes, para então ter mais força e efetividade nas ações práticas do cotidiano, como aponta Castells (2017) sobre a constituição das “comunidades instantâneas de práticas transformadoras”, já mencionadas. No gráfico abaixo, apresentamos os dados da décima sexta pergunta do questionário. Com as respostas, foi possível perceber que a visibilidade alcançada nas mídias sociais tem sido o principal ponto de contato inicial entre as torcedoras e os movimentos. Outras formas de contato também estão associadas à indicação de amigas e à visibilidade das atividades nos estádios.

Gráfico 11 - Primeiro contato entre as integrantes e os movimentos



Fonte: Autoria própria.

Além de serem espaços híbridos agregadores, as mídias digitais e plataformas também conferem aos movimentos um espaço para produção de conteúdos de cunho político, com defesa das pautas que promovem. Entre os meses observados, de novembro de 2022 a maio de 2023, os coletivos publicaram mais de 500 postagens, com conteúdos diversos: Informes sobre os times de futebol feminino de cada clube, registro de atividades do coletivo, convocatórias para manifestações políticas, memes e postagens humorísticas, conscientização contra violência de gênero, denúncias de violações de direitos durante partidas de futebol, entre outros.

Segundo as participantes da pesquisa, as três principais pautas políticas defendidas pelos movimentos são: a) a Luta contra o machismo e violência de gênero; b) a promoção do protagonismo feminino nas arquibancadas; e c) cobrança por acessibilidade para mães e crianças nos estádios. As respostas completas para a pergunta 23 do questionário, estão dispostas abaixo:

Quadro 2 - Pautas políticas levantadas pelo movimento

Luta contra machismo e violência de gênero	81 respostas
Promover o protagonismo feminino nas arquibancadas	81 respostas
Cobrar acessibilidade para mães e crianças	69 respostas
Fomentar a modalidade de futebol feminino	46 respostas
Luta contra violência contra a população LGBTQIA+ nos estádios	36 respostas
Luta contra o elitismo e exclusão de classe no futebol	34 respostas

Fonte: Autoria própria.

A multiplicidade de pautas defendidas também é compreendida sob a luz dos novos movimentos sociais em rede, uma vez que:

As redes, por serem multiformes, aproximam atores sociais diversificados dos níveis locais aos mais globais, de diferentes tipos de organizações, e possibilitam o diálogo da diversidade de interesses e valores. Ainda que esse diálogo não seja isento de conflitos, o encontro e o confronto das reivindicações e lutas referentes a diversos aspectos da cidadania vêm permitindo aos movimentos sociais passarem da defesa de um sujeito identitário único à defesa de um sujeito plural (Scherer-Warren, 2006:115).

Nesse sentido, a possibilidade de engajar em um diálogo político pautado pela diversidade confere a esses movimentos uma posição de trazer novos sujeitos plurais formando novas identidades dentro das comunidades existentes no futebol pernambucano. Isso faz com que os grupos digitais se tornem espaços de formação de consciência política e autonomia, para as mulheres que se aproximam desses grupos, muitas vezes sem uma formação política prévia, e com o tempo entram em contato com a prática e teoria feminista, finalmente identificando-se como feministas formalmente. O mesmo ocorre com os demais torcedores dos clubes, que se veem diante de diversos debates que não estavam acostumados a travar dentro do campo de disputa de narrativas no âmbito das torcidas de futebol ou no meio digital.

Essas pautas são defendidas em publicações em diversas plataformas digitais: alguns movimentos utilizam mais o Twitter, já outros o Instagram, mas todas estão em grupos de articulação de WhatsApp. As publicações em redes de fotos e vídeos contam com design gráfico para a criação de artes expositivas, identidade visual própria de cada grupo, a redação para redes sociais também é um elemento importante para a comunicação, há também a edição de vídeos curtos, e tudo isso é feito de forma colaborativa e independente por cada um dos grupos.

A produção de imagens é importante porque a imagem é imediatamente percebida e compreendida pelas pessoas, atuando como um canal de conexão facilitando o

compartilhamento de emoções. Na era da globalização, conforme Da Silva Gioseffi (1997), essa emotividade em torno de imagens tem sido experimentada de forma coletiva, cada vez mais. Através das imagens, as pessoas compartilham experiências, unidas por sentimentos ora positivos ora negativos, ora afetivos, ora em forma de animosidades despertados por polarizações ou disputas, à exemplo de fanatismos políticos, intolerâncias de ordem étnico-religiosa, rivalidade entre torcidas esportivas, etc. a marca da socialidade dos novos tempos é o estilo comunicacional, “que permite a todos viver muitas potencialidades do seu ser” (Maffesoli, 1995, p. 79)

A presença nas redes sociais digitais pode ser compreendida como uma exposição estratégica, e isso se reflete na fala da Entrevistada 1:

Toda vez que a gente sai na mídia, ou bota nas redes sociais isso também gera um burburinho dizendo que a gente tá ali pra aparecer, se expor enquanto mulher na arquibancada. Não é. Quer dizer, é também! Mas a gente precisa mostrar que as mulheres estão na arquibancada. Isso é um meio estratégico de comunicação, para que a gente espalhe nossa palavra pelas redes sociais e por todo canto. Foi assim que a gente conseguiu resistir e chegar onde nós estamos (E1, maio 2023).

Para além da dimensão estratégica de alcance e produção de visibilidade através da mídia, que é uma característica das atuais mobilizações na esfera pública (Scherer-Warren, 2006), utilizando as dimensões analíticas propostas por Scherer-Warren (2013), podemos destacar também outros elementos acerca da forma de comunicação digital utilizada pelos movimentos. A dimensão da espacialidade dos tempos atuais, que a partir de territorialidades de novos tipos, sendo virtuais e presenciais e as conexões entre ambas, vem permitindo a construção de diferentes pautas trans-locais através de trans-organizações. No caso dos movimentos de torcedoras, esses diálogos entre organizações são facilitados através da comunicação em tempo real, para a realização de eventos e atividades, além da convocatória para manifestações públicas.

A dimensão da sociabilidade permite, através de redes:

Conectar vários tipos de relações e vínculos sociais, dos mais primários aos secundários, com elos fortes ou fracos. a organização em rede permite a reafirmação de formas de sociabilidade históricas, de criação de novas formas de sociabilidade trans-identitárias, por exemplo, articulando discursivamente as opressões de classe, raça e gênero e outras - para a construção de utopias emancipatórias, na cultura e na política (Scherer- Warren, 2013, p. 192).

Essa articulação discursiva sobre opressões e identidades conversa com o processo descrito pelas integrantes do grupo, que em rede conectam-se com outras mulheres com



identidades similares: mães, trabalhadoras, jovens, e a partir desse contato, tanto com sujeitos políticos diversos como com organizações diversas, começam a se atentar para outras opressões e construções de identidade. Além disso, elas identificam o ativismo como mais um *turno de trabalho*, para além de formador de identidade:

Tem o fato de que nós somos mães, trabalhamos, cuidamos de lar, nós temos a renda mais baixa quando comparada com os homens, nós temos mais responsabilidades, nós somos cobradas mais socialmente, então, atuar no movimento seria o oitavo turno na vida de muitas mulheres. Tudo isso é um entrave muito importante. A gente não tem forças para militar quando já é exigido demais a força para existir enquanto mulher na sociedade (E1, maio 2023).

Alguns autores, como Rigitano (2003), também ressaltam a contribuição do *ciberativismo* para o desenvolvimento e empoderamento de um novo tipo de ativismo, conforme abaixo:

As possibilidades que surgem com essa emergência do ativismo digital são inúmeras. A partir da atuação de indivíduos e grupos em rede e na Rede, é possível ampliar as reivindicações; difundindo informações e discussões em busca de apoio para uma causa; organizando e mobilizando para ações on-line e off-line. É possível identificar que a Internet constitui uma peça-chave para o novo ativismo (Rigitano, 2003, p. 9).

A presença virtual dos movimentos nos grupos em aplicativos de mensagens tem uma dinâmica parecida com fóruns digitais, onde os usuários engajam em discussões, compartilham informes do clube e notícias sobre a temática do futebol. Em plataformas como o WhatsApp, as comunidades podem chegar a ter mil membros trocando mensagens simultaneamente. Os grupos também funcionam como um espaço para dúvidas, perguntas e interações, onde muitas interlocutoras relataram se sentirem mais confortáveis em opinar ou tirar dúvidas, que nos grupos mistos.

A busca pela segurança na coletividade, conforme Bauman (2003), confere aos grupos homogêneos formados apenas por mulheres, a sensação das integrantes de diminuição no receio de receberem questionamentos sobre seus conhecimentos de futebol, assédio sexual em forma de *cantadas* em seu número privado, e outras formas de intimidação através da ridicularização e *memes*, em oposição aos grupos mistos.

Sempre gostei de futebol por isso sempre fui aos jogos, no grupo do WhatsApp me sinto à vontade para falar sobre os jogos e futebol de modo geral. No grupo a gente tem a sororidade, a expressão de acolhimento, e sabemos que tem outras mulheres com a mesma visão (E3, maio 2023).

Além disso, os grupos de mensagem também têm um componente importante para a articulação de ações, como se pode perceber no seguinte acontecimento: No mês de maio de 2023, o Sport Clube do Recife cumpriu uma punição recebida pelo Superior Tribunal de Justiça

Desportiva, e por isso contou com três jogos com presença exclusiva de mulheres, crianças até 12 anos e de pessoas com deficiência. Nesses três jogos, o movimento Elas e o Sport conduziu uma verdadeira festa nas arquibancadas, com bateria, músicas e bandeirões. No pré-jogo, fizeram um *esquenta*, com confraternização e ensaio da bateria, mas também com muita articulação de logística de acesso e saída do estádio com segurança. Foi através do WhatsApp que as mulheres integrantes do Elas e o Sport articularam-se por meses para o grande momento do ano: os jogos comandados por elas, que reuniram mais de 18 mil pessoas por partida.

É também através do WhatsApp que se conectam com outras torcidas e agrupamentos de torcidas femininas no âmbito regional e nacional. Hoje em dia, o WhatsApp oferece uma ferramenta que integra os diversos grupos em uma comunidade: em um grupo, membros recebem informações e interagem uns com os outros, já em uma comunidade, é possível enviar uma mesma informação em vários grupos diversos, e nesses espaços, pessoas de diferentes grupos podem interagir.

Os grupos e comunidades de articulação favorecem o dinamismo da disseminação de informação, e a conexão entre grupos afastados geograficamente. Como os calendários de futebol preveem partidas fora dos estados de origem, as torcidas possuem uma interconexão muito forte, já que há sempre a visita a outros estádios e o encontro entre torcidas. Os grupos de mensagem não só favorecem essa comunicação, como fortalecem os vínculos e afetos, bem como acirram rivalidades históricas.

A atuação em rede reflete uma necessidade de “alcançar expressividade nos espaços públicos poluídos de informações que constituem as sociedades atuais” (Spenillo, 2015, p. 101), sendo assim, as novas ferramentas digitais conferem novos instrumentos de mobilização para as redes de resistência. Ocupar esses espaços torna-se “uma imposição da época em que se vive (...) como vitrines e como lócus de expressão de conflitos e manifestações de ideias, insatisfações, opiniões” (Spenillo, 2015, p. 103). Assim, através da articulação em rede, movimentos como o de mulheres no futebol pernambucano percebem outras possibilidades, como os espaços virtuais, para enfrentar desafios comuns na busca de seus objetivos.

## 5 MOVIMENTOS DE MULHERES NO FUTEBOL PERNAMBUCANO: DESAFIOS E CONQUISTAS

Após sete anos da fundação dos movimentos de mulheres no futebol pernambucano, algumas questões cruciais se apresentam como entraves para a permanência desses grupos. No âmbito coletivo, podemos destacar a emergência sanitária da pandemia do covid-19 como um fator de enfraquecimento de mobilização. A Entrevistada 1 ressalta que a pandemia causou um esvaziamento de ações porque “estremeceu a vivência de todas nós nos clubes, principalmente do Santa, porque coincidiu com a queda do nosso time para a série D”.

O distanciamento social como uma questão de saúde pública afetou os calendários dos times de futebol, mas também afetou as mobilizações de coletivos urbanos e movimentos sociais, demonstrando que por mais que a internet seja uma ferramenta de comunicação, é no contato cotidiano no espaço híbrido entre as redes sociais digitais e encontros presenciais que as comunidades digitais podem se transformar em comunidades instantâneas de prática transformadora, como já visto em Castells (2017). O desafio de manter os coletivos unidos durante a pandemia foi duplamente sentido pelas mulheres do Movimento Coralinas, coincidindo com a queda do time para a série D, um campeonato pouco prestigioso e com menos partidas.

Para além disso, conforme segundo o relatório “Gender and Health Analysis: COVID-19 in the Americas”, a pandemia de covid-19 afetou desproporcionalmente as mulheres na América do Sul: além de apontar o papel de cuidadora como um fator de aumento do risco de contração da doença por mulheres, o relatório também afirma que a pandemia desencadeou um aumento de 25% na prevalência de ansiedade e depressão em todo o mundo (Organização Pan-Americana da Saúde, 2021). Esse fato também se reflete na fala da Entrevistada 1, que apontou para o adoecimento físico e mental sofrido pelas mulheres do Coletivo durante esse período:

Também pelo adoecimento de muitas pessoas, né? Principalmente mulheres que foram atingidas fortemente pela pandemia em relação a perda de parentes, perda de trabalho, de renda, separação, enfim, isso enfraqueceu todas nós como um todo, mas a gente está se reestruturando (E1, maio 2023).

Ainda sobre a desmobilização, outro grande desafio para os movimentos é a renovação das gerações:

A gente tem uma dificuldade muito grande no movimento que é de renovação, de continuidade. As mulheres que entram geralmente estão na mesma faixa etária que nós e as mais novas não aceitam pegar as tarefas mais complicadas: logística, segurança, comunicação, arrecadação de fundos, etc. (E3, maio 2023).

Essa dificuldade de renovação está refletida na literatura sobre as mobilizações de redes de indignação (Castells, 2017). Nesse sentido, a tensão gerada pela indignação em torno de um determinado problema em um momento específico, cria as condições para a realização de grandes mobilizações em torno dessa temática, com possibilidades reais de transformação social. Manter o mesmo nível de engajamento ao longo do tempo é um grande desafio para esses movimentos.

Na pergunta 26 do formulário de pesquisa, as participantes foram convidadas a responder, em sua perspectiva individual, os principais desafios que precisavam ser superados para a permanência dos movimentos de mulheres no futebol pernambucano. As 87 respostas foram agrupadas em palavras-chave de maior repetição, e transformadas em subtemas, de forma a constituírem o gráfico abaixo.

Gráfico 12 - Principais temáticas de desafios para a atuação dos movimentos



Nesse panorama, as integrantes ainda compreendem o machismo e violência enfrentados por elas como principal entrave para a atuação desses movimentos. A Entrevistada 2 ressalta que “a cultura de arquibancada é linda, mas extremamente machista. É difícil manter a cabeça erguida quando somos menosprezadas e sofremos assédio e outros tipos de violência, até por parte do clube”. A temática de relacionamento com o clube também aparece com força, em segundo lugar com quase 20% das respostas.

A insegurança e insalubridade das instalações dos clubes também configura um entrave importante para a permanência dos movimentos. Essa temática também é reforçada na fala da Entrevistada 3 quando afirma que o maior desafio é a ausência de segurança e salubridade: “a falta de acessibilidade e espaços de cuidado acabam afastando as mulheres dos estádios, muitas acabam desistindo de continuar. Mas os desafios acabam sendo o que nos mantém na luta.” (E3, maio 2023).

Além disso, por mais que a temática da dificuldade em conciliar as tarefas do dia a dia com o ativismo não tenha aparecido com destaque nos formulários aplicados a todas as integrantes, foi um ponto bastante ressaltado em entrevistas com as lideranças. É possível compreender que para as integrantes mais atuantes a sobrecarga de tarefas seja maior. Segundo a Entrevistada 1 “7 anos dentro de uma arquibancada é muito tempo de resistência, é extremamente exaustivo, mas também pesa o fato de que muitas de nós militam em outros coletivos, fora do Movimento” (E1, maio 2023)

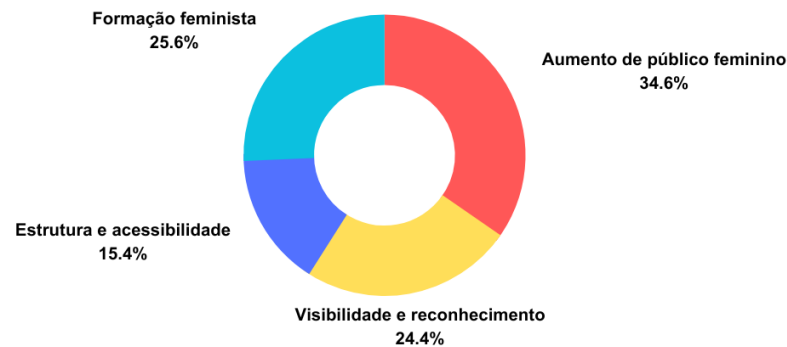
A Entrevistada 2 resalta também a exaustão e a solidão: “Exaustão de conciliar trabalho, estudo, casa e militância. É uma luta bem solitária dentro do estádio, apesar de termos muito apoio, também sofremos muita ofensiva” (E2, maio 2023). Já para a Entrevistada 3, o fator do gênero corrobora também essa exaustão: “Estamos sempre correndo para fazer nossas várias tarefas. Filho, pai, mãe, trabalho, estudo. Posso exemplificar o meu caso, que, por estudar em outro estado complica minha participação, mas eu permaneço.” (E3, maio 2023)

Apesar de todos os desafios, os movimentos de mulheres no futebol pernambucano tem resistido ao longo dos anos e ainda permanecem na luta por um espaço de existência política na arquibancada. A Entrevistada 1 reforça esta constatação quando afirma que:

As dificuldades são muitas. Quando o movimento surgiu, nós fomos ameaçadas, a nossa vida foi ameaçada, recebemos ameaças porque muita gente não concorda e não enxerga a arquibancada como um espaço de existência política, quando é completamente de vivência política (E1, maio 2023).

Algumas conquistas são celebradas pelas integrantes dos movimentos de mulheres no futebol pernambucano. A pergunta 28 do questionário visava a percepção das participantes da pesquisa sobre as principais conquistas dos movimentos. A pergunta foi feita em formato aberto, com 87 respostas longas, que foram codificadas em palavras-chave de maior recorrência e agrupadas em eixos temáticos, dispostos no gráfico abaixo.

Gráfico 13 - Principais temáticas de conquistas para os movimentos



Fonte: Autoria própria.

O destaque principal é para o aumento do público feminino nos estádios. A visibilidade e reconhecimento conquistada por elas fez com que mais mulheres se sentissem seguras de ir aos estádios, sabendo que teriam acolhimento nas arquibancadas. “Muitas mulheres começaram a ir a campo após ver ou saber da existência das Timbuzeiras porque começaram a sentir que tem voz. Hoje as mulheres se sentem mais seguras para ir ao estádio com seus filhos pequenos” (E2, maio 2023).

As integrantes do Coralinas reforçam que a principal conquista para o movimento é o aumento de mulheres no Arruda, através de uma perspectiva que valoriza a autonomia da mulher e a representatividade feminina num ambiente tão masculinizado e hostil quanto um estádio de futebol:

Já perdemos a conta das vezes de mulheres que chegam no Santa Cruz, vão pra arquibancada, se emocionam, passam a ir, estreitam laço e ficam com a gente. São muitas histórias: mulheres que iam com os antigos relacionamentos, geralmente essa introdução a vida no futebol acontece por meio de figuras masculinas e a gente pode acabar com isso. Tem muita mulher que vem, acabou o relacionamento, não tem com quem ir, e vem com a gente. Muitas mulheres que iam com o pai e o pai faleceu. Tem essa carência, dor, elo afetivo. E é muito bonito quando elas dizem assim: muito obrigada por ter dado continuidade a uma herança deixada pelo meu pai. E isso não é incomum no Movimento Coralinas. Veja que coisa mais linda: elas iam e se sentiam seguras com os pais, e agora elas vão e se sentem seguras com outras mulheres. Isso pra gente é nossa principal conquista (E1, maio 2023).

Conquistas como o aumento na visibilidade e reconhecimento dos movimentos no âmbito do futebol se refletem em situações concretas ao longo dos anos: no caso do Elas e o Sport, em julho de 2022 elas mobilizaram uma campanha para impedir a contratação do jogador Wesley Gomes dos Santos, que possuía histórico de agressão doméstica contra a noiva, que estaria grávida na ocasião. “Fizemos barulho no Twitter, entendemos naquela época que contratar um agressor de mulheres seria um recado para as torcedoras de que a violência contra

a mulher era tolerada” (E3, maio 2023). O clube chegou a anunciar o jogador como integrante do elenco, porém após a repercussão negativa gerada pelo movimento Elas e o Sport, suspendeu a contratação.

A campanha se iniciou no âmbito digital. Por meio de uma carta aberta, as integrantes do movimento Elas e o Sport repudiaram a atitude do clube e exigiram a rescisão do contrato, e este momento foi um marco na história do movimento. Elas relatam terem recebido ataques e ameaças por parte de outros torcedores “Por diversas vezes o coletivo foi atacado por conta da campanha contra a possível contratação do Wesley, foram ameaças na intenção de não irmos mais aos estádios, contra a nossa integridade física” (E3, maio 2023).

Apesar das ameaças sofridas, as integrantes do Elas e o Sport relatam um aumento na visibilidade do movimento a partir desse episódio. O caso foi repercutido por centenas de perfis de torcedores, jornalistas, veículos esportivos e coletivos feministas, principalmente no Twitter. As integrantes questionaram, também, o aparelhamento do movimento por parte do clube em campanhas contra a violência a mulher dentro dos estádios. Esse episódio demonstra que a popularização das tecnologias que permitem a circulação de dados e imagens tornam evidentes as injustiças, alcançando mais pessoas no intuito de resistir e reagir (Spenillo, 2015).

No âmbito estrutural, as integrantes do Elas e o Sport apontam que após pressões, os banheiros femininos passaram por uma melhoria nos sanitários. As mulheres do Movimento Coralinas ressaltam a obtenção de um fiscal para os banheiros femininos nas dependências do estádio do Arruda como uma conquista histórica para todas as mulheres torcedoras do Santa Cruz: “Na situação do banheiro, fizemos um ofício e conseguimos uma reunião com a diretoria do clube. Isso é uma vitória. A gente conseguiu um fiscal na porta do banheiro, foi outra vitória histórica” (E3, maio 2023).

A visibilidade e reconhecimento por parte do clube e da sociedade é também ressaltada pelas Timbuzeiras:

Acho que só de existir o Timbuzeiras, de ter a proporção que a gente tem, de ter mais de 14 mil seguidores na rede social, de ser uma torcida que é muito acolhida dentro do Náutico, a gente conquistou nosso espaço ali, nossa marca no clube. Isso já é uma conquista bacana. E a gente é um exemplo para muitas mulheres: de força, de amar futebol, essa é a nossa maior conquista, ter conquistado esse espaço (E2, maio 2023).

A força dos movimentos também se impõe nas vivências do cotidiano, no enfrentamento de situações concretas de violência, agressão, assédio e hostilidade nas arquibancadas. Sobre este tema, também afirmam que os movimentos são um espaço para formação feminista, e apontam este fato como uma grande conquista.

A gente conseguiu parar situações de violência acontecendo ao vivo na nossa frente no Arruda, já aconteceram inúmeras vezes, tanto da polícia com mulher, quanto de pai batendo em filha, homem abusando de mulher. Para a gente, conseguir impor nossa voz e parar situações de violência contra a mulher são grandes, enormes vitórias, imensuráveis. Fazemos esses debates sobre pautas feministas constantemente e nossa voz está começando a ser ouvida, vemos mudanças nos homens. Hoje em dia a gente é muito respeitada, as pessoas pensam muito antes de comprar briga com a gente (E1, maio 2023).

Os movimentos de mulheres no futebol pernambucano entendem a sua existência, permanência e resistência ao longo dos últimos 7 anos como a grande conquista para os movimentos, e um legado para a sociedade em geral: “Acho que existirmos enquanto movimento político feminista de arquibancada já é uma grande vitória. Existir lá dentro já é algo muito importante. Isso é uma vitória para todas as mulheres.” (E1, maio 2023).

Em suma, as conquistas são celebradas como “pequenas vitórias no cotidiano” (E1, maio 2023), entretanto, existe um consenso entre as integrantes de todos os movimentos de que o objetivo maior dos movimentos é continuar a fomentar a igualdade de gênero no futebol, apesar das represálias:

Não acho que ainda conquistamos o que queremos. Mas estamos chamando a atenção para que aconteça. No movimento eu aprendi que a luta por um mundo mais justo e igualitário não é fácil, mas é necessária, e que cada uma de nós pode contribuir para tornar isso uma realidade (E3, maio 2023).

A compreensão dos movimentos como uma ponte de contato entre uma formação política feminista e mulheres torcedoras é também reconhecida como uma conquista por 25% das participantes da pesquisa. O aumento de mulheres nas arquibancadas com um pensamento crítico relacionado às violências simbólicas (ou não) no âmbito do esporte pode ser o legado dos movimentos de mulheres no futebol pernambucano.



## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa possibilitou uma compreensão maior da atuação dos movimentos de mulheres no futebol pernambucano, analisando os principais desafios e conquistas para esses movimentos. Para atingir esse objetivo, definiram-se alguns objetivos específicos: mapeamento de organizações de mulheres nas arquibancadas de Recife (PE), a investigação das circunstâncias que levaram a construção dos coletivos feministas no futebol pernambucano, a identificação das principais ações promovidas pelos movimentos de mulheres dentro e fora do contexto de jogos de futebol.

A partir da aplicação de questionário (via Google Forms), para o qual se obteve 87 devolutivas, confirmando este o universo de dados quantitativos da pesquisa, associando a observações *in loco* de atividades realizadas pelos Coletivos e a aplicação de três entrevistas semiestruturadas, conclui-se que os principais desafios para a permanência dos movimentos ainda são a perpetuação do machismo e violência na sociedade, refletida também no ambiente do futebol, a falta de investimento dos clubes na relação com os movimentos para um trabalho coletivo, a falta de visibilidade destes movimentos, a insegurança e insalubridade nos estádios que acabam por afastar possíveis novas integrantes e a dificuldade de conciliar as tarefas domésticas, trabalho e estudo com o ativismo, agravadas pela questão da divisão sexual do trabalho.

As principais conquistas podem ser entendidas em duas categorias: conquistas objetivas e conquistas subjetivas. As conquistas objetivas podem ser observadas como melhorias estruturais nas instalações dos clubes em espaços voltados para o público feminino e infantil, aumento do público feminino e infantil nas arquibancadas, interrompimento de situações de violência de gênero *in loco* nos estádios, aumento do acesso a itens de torcida como materiais esportivos para mulheres e o interrompimento de contratação de profissionais com histórico de violência de gênero.

No âmbito subjetivo, a promoção de um espaço de discussão, sociabilidade e formação política para mulheres é celebrado pelas participantes da pesquisa como uma conquista importante. A visibilidade dentro dos clubes e o reconhecimento perante as demais torcidas, ainda que observadas de maneira tímida, também são apontadas como uma vitória devido à insistência e resistência desses movimentos. De uma forma geral, a própria resistência, crescimento e história de 7 anos de existência dos movimentos são vistos como um marco na história e um legado para o futebol.

Com isso, pôde-se perceber a articulação em redes como um fator de propulsão dos movimentos de mulheres no futebol pernambucano, seja com organizações institucionais como o MTST, o Fórum de Mulheres de Pernambuco e outros movimentos sociais, bem como com organizações não-governamentais como o Projeto Cores do Amanhã, e demais coletivos informais de articulação progressista no campo do futebol, como a Rede de Torcidas Unificadas Antifascistas do Nordeste, Autistas da Ilha, Coral Pride, Quilombo do Arruda, entre outros.

Conclui-se que as atividades realizadas em conjunto, a socialização de pautas de discussão e o compartilhamento de denúncias nas redes sociais digitais agregam os movimentos de mulheres no futebol pernambucano em comunidades instantâneas que permitem práticas transformadoras. Em suma, os dados coletados apontam para a corroboração da hipótese inicial, de que a mobilização de mulheres no futebol pernambucano, ainda que recente e em crescimento, tem sido essencial para pequenas transformações na estrutura física de clubes e conquista de espaço nas arquibancadas, sendo este processo influenciado pelas novas formas de organização no ciberespaço.

O trabalho foi marcado por dificuldades inerentes à realização de pesquisa científica independente e sem financiamento, uma vez que a observação *in loco* necessitava de equipamentos adequados para a captação de áudio em estádios, além de acesso a caravanas pagas promovidas pelas participantes, jogos fora do Estado de Pernambuco, bem como o acesso pago aos jogos realizados em Recife (PE). Verificou-se também uma dificuldade das participantes para entrevistas, uma vez que são mulheres trabalhadores, chefes de lar, mães, cuidadoras, e possuem múltiplos papéis nas organizações que atuam dentro e fora do contexto de futebol.

Além disso, os grupos constituem-se em comunidades relativamente fechadas que prezam pela segurança das participantes e das informações sobre os movimentos. Em pesquisas futuras, propomos a imersão participante em forma de pesquisa-ação nos grupos como forma de maior integração e criação de confiança para compreensão de questões internas, contradições e conflitos que podem ter sido pouco exploradas nesta pesquisa.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Laís. Desigualdades de gênero e raça no mercado de trabalho brasileiro. **Ciência e cultura**, v. 58, n. 4, p. 40-41, 2006.
- BARRETO JANUÁRIO, Soraya; RODRIGUES LIMA, Cecília Almeida; LEAL, Daniel. Futebol de mulheres na agenda da mídia: uma análise temática da cobertura da Copa do Mundo de 2019 em sites jornalísticos brasileiros. **Observatório (OBS\*)**, v. 14, n. 4, 2020.
- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2017.
- DA COSTA, Leda Maria. O que é uma torcedora? Notas sobre a representação e auto-representação do público feminino de futebol. **Esporte e sociedade**, Niterói, v. 2, n. 4, 2007.
- DAMO, Arlei Sander. A magia da seleção. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 28, n. 1, p. 73-90, 2006.
- DA SILVA GIOSEFFI, Maria Cristina. Michel Maffesoli, estilística... imagens... comunicação e sociedade. **Logos**, v. 4, n. 1, p. 48-53, 1997.
- ELIAS, Norbert. **A busca da excitação**. Lisboa: Difusão Editorial, 1985
- ELIAS, Norbert. **Introdução à sociologia**. Lisboa: Edições 70, 1980.
- FERRARI, Nathallie Matos. A (re)elitização do futebol moderno: espetacularização do esporte mais popular do Brasil como um negócio. **Revista Alamedas**. Toledo, v. 7, n. 1, p. 65-76, 2017.
- FIFA **Big Count 2006**: 270 million people active in football. [S.l.]: FIFA Comunnications Division, 2007. Disponível em: [2006 FIFA count](#). Acesso em: 9 jul. 2023.
- FRANZINI, Fábio. Futebol é "coisa para macho"?: Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**, v. 25, n. 50, p. 315-328, 2005.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista brasileira de educação física e esporte**, v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005.
- HORA, Geovanna. "Os movimentos femininos no futebol provam que o lugar da mulher é nos estádios e onde ela quiser." **Contraponto Digital**, [S.l.], 23 mar. 2021. Disponível em: [Os movimentos femininos no futebol provam que o lugar da mulher é nos estádios... e onde ela quiser! | Contraponto Digit@l](#) Acesso em: 3 jul. 2023
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Falta de tempo e de interesse são os principais motivos para não se praticar esportes no Brasil. **Agência IBGE de notícias**, [S.l.], 2017. Disponível em: [Falta de tempo e de interesse são os principais motivos para não se praticar esportes no Brasil](#). Acesso em: 9 de julho de 2023.
- MAFFESOLI, Michel. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995

MAFFESOLI, Michel. **O Tempo das Tribos**: O declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MORAES, Carolina Farias; BONFIM, Aira Fernandes. Mulher no futebol: no campo e nas arquibancadas. *In*: V Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades, 2017, Salvador. **Anais do V Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades**, p. 177-188, 2016. Disponível em: [https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/enlacando/2017/TRABALHO\\_EV072\\_MD1\\_SA18\\_ID1399\\_07082017191501.pdf](https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/enlacando/2017/TRABALHO_EV072_MD1_SA18_ID1399_07082017191501.pdf). Acesso em: 5 set. 2023.

MOURÃO, Ludmila. Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: da segregação à democratização. **Movimento**. Porto Alegre, v. 6, n. 13, p. 5-18, 2000.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Gendered Health Analysis: COVID-19 in the Americas**. Washington, DC: PAHO, ONU, 2022 Disponível em: <https://iris.paho.org/handle/10665.2/55432>. Acesso em: 5 set. 2023.

PIMENTA, Carlos Alberto Maximo; ALBERTO, Carlos. Torcidas organizadas de futebol: identidade e identificações, dimensões cotidianas. *In*: ALABARCES, P. **Futbologías: fútbol, identidad y violencia en América Latina**. Buenos Aires: CLACSO-ASDI, p. 39-55, 2003.

RIGITANO, Maria Eugenia Cavalcanti. **Redes e ciberativismo**: notas para uma análise do centro de mídia independente. [S.l.]: Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação, 2003. Disponível em: Redes e ciberativismo: notas para uma análise do centro de mídia independente. Acesso em: 5 set. 2023.

SCHERER-WARREN, Ilse. Das mobilizações às redes de movimentos sociais. **Sociedade e estado**, [S.l.], v. 21, p. 109-130, 2006.

SCHERER-WARREN, Ilse. Fóruns e redes da sociedade civil: percepção sobre exclusão social e cidadania. **Revista Política & Sociedade**. Florianópolis: PPGSP/UFSC, v. 6, n. 11, p. 19-40, out., 2007.

SCHERER-WARREN, Ilse. Redes de movimentos sociais na América Latina: caminhos para uma política emancipatória?. **Caderno Crh**, [S.l.], v. 21, p. 505-517, 2008.

SCHERER-WARREN, Ilse. Redes e movimentos sociais projetando o futuro. **Revista Brasileira de Sociologia**, v. 1, n. 1, p. 187-218, 2013.

SPARKES, A. C.; SMITH, B. **Qualitative research methods in sport, exercise and health**: From process to product. London: Routledge, 2014.

SPENILLO, Giuseppa. Mobilizações em redes nos espaços virtuais: reflexos da era digital nas lutas sociais de resistência. **Estudos do Século XX**. [S.l.], n. 15, p. 96-113, 2015.

SOIHET, Rachel. Violência simbólica: saberes masculinos e representações femininas. **Estudos feministas**, p. 7-29, 1997.

TOLEDO, Ana Clara. "Me Empodera, Te Empoderar: relatório". **Zonaunicef Digital**. [S.l.], v. 1, n. 2, p. 123-135, 2014.

TOLEDO, Luiz Henrique. Transgressão e violência entre torcedores de futebol. **Dossiê futebol**, [S.l.], v. 22, p. 92-101, 1994.

TOLEDO, Luiz Henrique. **Torcidas Organizadas de Futebol**. Campinas: Editora Autores Associados/Anpocs, 1996. (Coleção educação física e esportes).

TOLEDO, Luiz Henrique. Reconversão torcedora: transgressão ou um caso de extensão simbólica? **Revista de Antropologia da UFSCar**, v. 12, n. 1, p. 69-93, 2020.

UNICEF. **As Múltiplas Dimensões da Pobreza na Infância e na Adolescência no Brasil**. [S.l.]: UNICEF, 2019. Disponível em: [As Múltiplas Dimensões da Pobreza na Infância e na Adolescência no Brasil](#). Acesso em: 23 jul. 2023

WEBER, Max. **Conceitos básicos de Sociologia**. São Paulo: Editora Moraes, 1987.

**APÊNDICE A** — Questionário aplicado às participantes da pesquisa

**1 Nome completo.**

**2 Gênero.**

**3 Cor ou raça. Marcar apenas uma opção.**

Branca  Parda  Preta  Amarela  Indígena

**4 Idade. Marcar apenas uma opção.**

18 – 24  25 – 30  31 – 35  36 – 40  Mais de 40

**5 Você é uma pessoa com deficiência (PCD)? Marcar apenas uma opção.**

Sim  Não

**6 Você tem filho(a)? Marcar apenas uma opção.**

Sim  Não

**7 Caso tenha filhos, quantos filhos tem? Essa resposta não é obrigatória.**

**8 Qual opção melhor descreve sua situação? Marcar apenas uma opção.**

Apenas estudo  Apenas trabalho  Trabalho e estudo  Não trabalho e não estudo

**9 Qual a renda total de todos que residem em sua casa? Marcar apenas uma opção.**

Até 1 salário mínimo (até R\$ 1045,00)  De 1 a 3 salários mínimos (de R\$1045,00 até R\$ 3.135,00)  De 3 a 6 salários mínimos (de R\$ 3.135,00 até R\$ 6.270,00)  Maior que 6 salários mínimos (mais que R\$ 6.270,00)

**10 Em qual estado, cidade e bairro reside?**

**11 Você costuma frequentar estádios de futebol? Marcar apenas uma opção.**

Sim  Não

**12 Já sofreu algum tipo de violência de gênero em estádios de futebol? Marcar apenas uma opção.**

Sim  Não

**13 Você passou a frequentar estádios de futebol com mais frequência após participar do movimento? Marcar apenas uma opção.**

Sim  Não

**14 Há quanto tempo participa do movimento? Marcar apenas uma opção.**

Menos de 1 ano  1 ano  2 anos  3 anos  Desde a fundação

**15 Como conheceu o movimento? Marcar apenas uma opção.**

Redes sociais  Matéria de jornal  Indicação de amigas  Frequentando os estádios

Outros:

**16 Cite o principal motivo para ter se aproximado do movimento.**

**17 Já fez parte de outro movimento de torcidas antes de se juntar ao movimento que faz parte? Marcar apenas uma opção.**

Sim  Não

**18 Caso tenha feito parte de outra torcida, cite diferenças entre a torcida que fazia parte, e o movimento que faz parte hoje.**

**19 Na sua percepção, quais as principais ações desenvolvidas pelo movimento?**

**20 Com qual frequência costuma participar das ações presenciais com o movimento? Marcar apenas uma opção.**

Participo de todas as ações  Participo de quase todas as ações  Participo eventualmente das ações  Participo pontualmente em algumas ações  Quase nunca participo das ações

**21 Com relação a sua atuação no movimento, indique três (ou mais) sentimentos mais relacionados com o coletivo: Marque todas as opções que se aplicam.**

Pertencimento  Paixão  Cooperação  Convicção  Determinação  Empatia  Euforia  Liberdade  Orgulho  Força  Responsabilidade  Tensão  Valentia  Nenhum dos citados

**22 Marque a opção que melhor descreve sua atuação com o movimento. Marcar apenas uma opção.**

Ativismo político  Apoio ao clube  Ambos  Nenhum dos citados anteriormente

**23 Marque as opções que melhor descrevem as pautas políticas levantadas pelo movimento. Marque todas que se aplicam.**

Luta contra o machismo e violência de gênero nos estádios  Protagonismo de mulheres no meio futebolístico  Visibilidade para a modalidade do futebol feminino  Luta contra a violência para com a comunidade LGBTQIA+ nos estádios  Acessibilidade para PCD's em estádios e dependências do clube  Acessibilidade para mães e crianças em estádios e dependências do clube  Luta contra o elitismo e exclusão de classes no futebol  Nenhum dos citados acima  Outro:

**24 Cite as principais CONQUISTAS ligadas a atuação do movimento na sua percepção:**

**25 Cite os principais DESAFIOS para a atuação do movimento na sua percepção:**

**26 Com qual frequência você costuma acompanhar e consumir assuntos relacionado a futebol nas redes sociais? Marcar apenas uma opção.**

Frequentemente  Eventualmente  Pontualmente  Quase nunca

**27 Com qual frequência você costuma acompanhar as publicações do movimento nas redes sociais? Marcar apenas uma opção.**

Frequentemente  Eventualmente  Pontualmente  Quase nunca



**28 Você acredita que as redes sociais são fundamentais para a construção do movimento?**

**Marcar apenas uma opção e justificar a resposta.**

Sim  Não  Não sei

**29 Na sua percepção, a divulgação das pautas políticas levantadas pelo movimento nas redes sociais causam transformações sociais? Marcar apenas uma opção**

Sim  Não  Não sei

**30 Caso tenha respondido "SIM" à pergunta anterior, cite alguma situação onde isso tenha ocorrido**